



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

EDEMAR MARCOS ROHDE

**A TERRITORIALIDADE DO FUTEBOL AMADOR RURAL DO MUNICÍPIO
DE PONTE PRETA-RS**

ERECHIM-RS

2016

EDEMAR MARCOS ROHDE

**A TERRITORIALIDADE DO FUTEBOL AMADOR RURAL DO MUNICÍPIO
DE PONTE PRETA-RS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Licenciatura em Geografia apresentado como requisito para obtenção de grau de licenciado em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Freitas Eduardo

ERECHIM-RS

2016

ROHDE, EDEMAR MARCOS

A TERRITORIALIDADE DO FUTEBOL AMADOR RURAL DO
MUNICÍPIO DE PONTE PRETA-RS/ EDEMAR MARCOS
ROHDE. -2016.

68 f.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Freitas Eduardo.UFFS.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -

Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em
Geografia, Erechim, RS, 2016.

1. FUTEBOL. 2. TERRITORIALIDADE. 3. FUTEBOL AMADOR
RURAL. 4. REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DO FUTEBOL. 5.
TERRITÓRIO. I. UFFS, Prof. Dr. Márcio Freitas Eduardo, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

EDEMAR MARCOS ROHDE

A TERRITORIALIDADE DO FUTEBOL AMADOR RURAL DO MUNICÍPIO DE
PONTE PRETA-RS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de licenciado em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Freitas Eduardo

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

Prof. Dr. Márcio Freitas Eduardo – UFFS

Prof. Dr. Everton de Moraes Kozenieski-UFFS

Prof. Dr. Anderson Matos Teixeira -UFFS

Dedico à minha família.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço minha noiva Rosmeli Bonfante, pelos momentos que me fortaleceu com seus conselhos e não me deixou a desistir dos estudos.

Agradeço o professor Marcio Freitas Eduardo, pelo qual tive a honra de ser seu orientando, no qual contribuiu na minha formação.

Agradeço a minha família, em especial, meu pai Edvino Rohde (in memória) e minha mãe Ana Rohde, que sempre me apoiaram nos momentos difíceis de estudo, sem esquecer da minha irmã de sangue, Aline Rohde, colorada e que sempre me auxiliou em minha jornada de estudos.

Agradeço a todas as pessoas que foram entrevistadas e contribuíram para minha pesquisa de campo, em especial os presidentes das comunidades, idosos do município, jogadores de todas localidades, prefeitura municipal de Ponte Preta-RS, membros do esporte e amigos.

Agradeço aos colegas de geografia da turma 2012, pelo qual tivemos muitas viagens de estudo e de campo, aumentando nossas amizades.

Em fim, agradeço a Deus por ter me iluminado e a colocar todas estas pessoas em minha vida, para que pudesse concluir mais uma etapa nesta jornada de estudos.

A todos meu muito obrigado!

"Não se apegue ao que não deu certo. Entenda que é preciso aceitar as "perdas" e estar preparado para o novo. Essa é uma das leis mais importantes da nossa natureza, precisamos viver dispostos aos recomeços".

[Diego Vinicius]

RESUMO

Este estudo procura analisar a territorialidade do futebol amador rural no município de Ponte Preta-RS, por um viés geográfico, através do qual a relação entre futebol amador rural, território e territorialidade construída através da ocupação dos elementos do espaço e a representação de Futebol por seus atores. O futebol pontepretense foi apreendido através de pesquisa de campo, através da qual foram realizadas 37 entrevistas com informantes-chave de cada local de estudo, bem como a contribuição de dados da prefeitura municipal e jogadores de todas as equipes e de todas as localidades através de entrevistas. Para compreender melhor os aspectos simbólicos inerentes à dinâmica da apropriação do espaço pelo futebol pontepretense. Encontramos três elementos principais: 1) futebol ligado a partidas (Comunidades Interiores), 2 (jogos de fim-de-semana, chamada "bola de jogo" entre comunidades locais e mesmo em outras localidades fora do município, e 3) campeonatos municipais organizados Prefeitura Municipal em parceria com o CMD (Conselho Municipal de Esportes). Neste último item faz-se uma análise mais aprofundada, uma vez que envolve setor público, dentre eles a Secretaria de Educação da Prefeitura e o CMD. A junção destes três elementos principais tem como função a construção da territorialidade, como elemento de articulação da rede de sujeitos, com o objetivo de organizar e estruturar uma relação entre a sociedade em que vivem.

Palavras-Chave:

Futebol; Territorialidade; Futebol amador rural; Representação simbólica do futebol.

ABSTRACT

This study seeks to analyze the territoriality of rural amateur football in the municipality of Ponte Preta-RS, by a geographical bias, through which the relationship between rural amateur football, territory and territoriality built through the occupation of the elements Of space and the representation of football by its actors. The pontepretense football was seized through field research, through which 37 interviews with key informants from each study location were carried out, as well as the contribution of data from the municipal prefecture and players from all teams and from all localities through interviews, And, from them, to better understand the symbolic aspects inherent to the dynamics of the appropriation of space by the pontepretense football. we find three main elements to being: 1) football linked to parties (Interior Communities), 2 (weekend games, so-called "play ball" among local communities and even in Other localities outside the municipality, and 3) the municipal championships organized City Hall in partnership with the CMD (Municipal Sports Council). In this last item a more in-depth analysis is done, since it involves public sector, among them, City Hall Secretary of Education, and CMD (Municipal Council of Sports). The junction of these three main elements has the function of the construction of territoriality, as an element of articulating the network of subjects, with the aim of organizing and structuring a relationship between the society in which they live.

Key-words:

Soccer; Territoriality; Rural amateur soccer; Symbolic representation of soccer.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Primeira Ponte de Madeira Construída no Rio Jupirangava.....	27
Figura 2 – Localização Geográfica do Município De Ponte Preta	28
Figura 3 - Inauguração da Capela de Souto Neto – 1976	30
Figura 4 - Time da Comunidade de Souto Neto (2000)	31
Figura 5 - Inauguração da Igreja Evangélica Luterana da Linha 5 Canarinho	32
Figura 6 - Salão de Festas da Comunidade Linha 5 Canarinho	33
Figura 7 - Time do E.C. Canarinho (Janeiro De 1981)	34
Figura 8- Igreja Católica e Salão da Comunidade de São Luiz – 2015	35
Figura 9 – Time do Atlético de São Luiz Em 1980	36
Figura 10 - Nivelamento do Campo do Atlético de São Luiz – 1992	37
Figura 11 – Equipe Juvenil 1969	38
Figura 12 – Campo Municipal de Ponte Preta	40
Figura 13 – Mapa 3 – Deslocamento Intermunicipal de Atletas	44
Figura 14 – Presença do Público no Campeonato de 2015	49
Figura 15 - Mapa 2 Deslocamento Interurbano dos Atletas	50
Figura 16: Premiação do Campeonato 2015	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
01 UMA LEITURA GEOGRÁFICA DO FUTEBOL AMADOR RURAL.....	17
2 CARACTERIZAÇÃO DAS TRANSFORMAÇÕES NAS “COMUNIDADES” RURAIS E SUAS REPERCUSÕES NA PRÁTICA DO FUTEBOL AMADOR RURAL.....	26
2.1 COMUNIDADE SOUTO NETO	29
2.2 COMUNIDADE L.5 CANARINHO.....	31
2.3 COMUNIDADE DE SÃO LUIZ.....	35
2.4 A RIVALIDADE “CAMPO X CIDADE” O S.E.R. JUVENIL.....	38
2.5 TRANSFORMAÇÕES QUE SE PROCESSAVAM NO CAMPO ANTES E DEPOIS DA MODERNIZAÇÃO	41
2.6 O FUTEBOL VINCULADO AS FESTAS	43
3 RELAÇÃO DO FUTEBOL AMADOR RURAL COM O MUNICÍPIO DE PONTE PRETA-RS	46
3.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS DADOS	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57
ANEXO A – ENTREVISTA PADRÃO PARA JOGADORES NÃO MORADORES NA COMUNIDADE.....	62
ANEXO B – ENTREVISTA PADRÃO COM JOGADORES QUE SE MUDARAM DAS COMUNIDADES.....	63
ANEXO C – ENTREVISTA PADRÃO PARA PRESIDENTE DE COMUNIDADE .	65
ANEXO D – ENTREVISTA PADRÃO PARA IDOSOS DO MUNICÍPIO	66
ANEXO E – ENTREVISTA PARA MORADORES QUE MORAM NA COMUNIDADE.....	68

INTRODUÇÃO

Através deste trabalho de conclusão de curso, cujo o tema é a territorialidade do futebol amador rural do município de Ponte Preta-RS, destaco a minha relação com o futebol praticado no espaço rural e a relação da Geografia com a referida temática. Neste trabalho pretendo apresentar as relações do futebol amador rural no município de Ponte Preta-RS tendo como base o conhecimento geográfico.

Em relação a minha ligação com o futebol, desde criança tive o sonho de ser jogador de futebol profissional para, se possível, me tornar um jogador profissional e ajudar minha família que não tinha condições financeiras na época, pois morava no interior do município, no espaço rural de Ponte Preta-RS, sendo que 2 (duas) vezes por semana pagava com muito suor a passagem de ônibus de linha, e muitas vezes ia treinar com fome, pois o dinheiro seria utilizado para a passagem ou para a comida, sendo que percorria cerca de 40 km de distância até a cidade de Erechim-RS, para treinar nas categorias de base do (YPF) Ypiranga Futebol Clube, fundado em 18 de Agosto de 1924, cujo o clube tinha como objetivo, na época, a formação do caráter, o desenvolvimento escolar dos jovens esportistas, e o intuito de desenvolver a capacidade psicológica de cada jovem esportista que treinava no clube, além de formar uma base cultural no meio futebolístico, ou seja, disciplinar o atleta em todos os aspectos que o futebol abrange. O clube Ypiranga Futebol Clube, despertava nos jovens esportistas a sociabilidade, isto é, o saber conviver com as diversas dimensões da vida, com outros esportistas, buscando assim o aprimoramento do aprendizado, em troca de experiências, o respeito e a disciplina necessária para ser um atleta profissional, dentro e fora das 4 linhas, sendo estes um dos fatores que contribuíram para a formação de meu caráter no convívio social.

Na época tinha 11 (onze) anos de idade, treinava 4 (quatro) horas por semana, pela parte da manhã, sendo que após os treinos, por ser do interior, precisava correr até a rodoviária para voltar para casa e a tarde ir estudar na Escola Estadual de Ensino Fundamental São José, precisando tirar ótimas notas, pois o clube pelo qual treinava assim exigia para poder continuar os treinos. Era um jogador, rápido, alto, canhoto e goleador do time, jogava na ponta esquerda do time sub 11 e 12 na época. Sempre disciplinado e levava a sério os treinamentos, creio que em razão de ser proveniente de família humilde e batalhadora.

Uma realidade que é vivida por milhares de jovens oriundos de cidades pequenas ou periféricas:

Ao analisarmos a relação entre as classes sociais e as expectativas dos praticantes de futebol, percebemos que boa parte de adolescentes oriundos de classes sociais mais elevadas provavelmente praticam-no com objetivos e interesses de lazer e distração, buscando saúde, sociabilidade ou qualidade de vida. Entretanto, se observarmos as expectativas de adolescentes originários das classes sociais mais desfavorecidas descobriremos que muitos de maior talento podem vir a enxergar neste esporte um caminho rápido, possível e viável de ascensão social. Alguns até mesmo se submetem aos testes (a “peneira”) em categorias de base de equipes profissionais, situação raramente encontrada com jovens de classes sociais mais elevadas. Para estes a ocupação primeira como atletas dificilmente estará na pauta das possibilidades a serem perseguidas profissionalmente (ASSUMPÇÃO, 2011, p. 95/6).

Porém, em meados de 1997, o clube do Ypiranga Futebol Clube, não exerceu mais as atividades esportivas com as categorias de base e meu desejo de ser jogador profissional acabou, pois por ser de uma família pobre, na época não tinha condições financeiras para se deslocar para outras cidades maiores e treinar em outros clubes. Porém, o amor pelo futebol não acabou, acompanhava o futebol pelas emissoras de rádio e quando possível de televisão, sendo um torcedor apaixonado pelo E.C. Internacional de Porto Alegre-RS. Nos finais de semana jogava futebol amador rural nas comunidades de interior do município de Ponte Preta-RS. Entretanto, por motivos desconhecidos para mim na época, as comunidades acabaram fechando e os jogadores que restavam tinham que se deslocar para outras comunidades se quisessem continuar a jogar futebol, fazendo com o passar dos anos, a diminuição dos times no espaço rural do município de Ponte Preta-RS.

No primeiro semestre de 2012, comecei o curso de Geografia-licenciatura na UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul), pelo qual tive a honra de ser selecionado para jogar de zagueiro no time de futebol de campo da Universidade Federal do Campus de Erechim-RS, pelo qual ficamos campeões em 3 jogos universitários em 4 participações, sendo que o time da Universidade Federal era composto por jogadores vindos de todas as localidades do Estado, formando neste aspecto, com base nas distintas identidades, uma amálgama de territorialidades vinculadas ao futebol.

Com base nestes fatores, já nas fases finais do curso de geografia, adquiri conhecimento e aprendizado no estudo, podendo fazer uma relação da geografia com o futebol, então decidi pesquisar sobre a territorialidade do futebol amador rural no

município de Ponte Preta-RS, sendo que neste contexto procurei pesquisar geograficamente a construção, a apropriação simbólica do espaço do futebol amador rural pontepretense.

Desta maneira, realização de tal pesquisa foi importante, pois demonstrou quais comunidades possuem o futebol amador rural, como processaram-se as transformações nas comunidades, a integração relacionada com o futebol e as mudanças do espaço rural, além das mudanças da prática social com o passar dos anos nas comunidades analisadas, a saber, São Luiz, Souto Neto e L.5 Canarinho.

Por residir no município, ocorre a familiaridade com o cotidiano da realidade local, possibilitando uma compreensão privilegiada para debater o objeto em questão, embora existam poucas referências bibliográficas que possam contribuir para o estudo a ser tratado.

A partir deste contexto, o objetivo geral é analisar o futebol amador rural, em relação as territorialidades das pessoas que praticam o esporte nas “comunidades” do interior do município de Ponte Preta-RS, pelo qual decidimos ponderar 3 (três) objetivos específicos:

1) Evidenciar como as transformações se processavam no campo se repercutiram na prática do futebol amador rural.

2) Identificar aspectos da territorialidade cotidiana do futebol amador rural no município de Ponte Preta-RS

3) Estudar a territorialidade atual do futebol rural amador do ponto de vista da integração entre as “comunidades¹” rurais e o espaço urbano pontepretense.

No primeiro objetivo específico, procuramos relacionar as transformações que ocorreram antes e depois da modernização da agricultura, fato que mudou a territorialidade e o cotidiano produtivo-organizativo no campo com a implantação de modernos meios tecnológicos e como essas mudanças se repercutiram na prática do futebol amador.

No segundo objetivo específico, ponderaremos a respeito sobre desde quando o futebol é uma prática esportiva e de integração entre as comunidades, além da relação do campo e a cidade, ou seja, o convívio social das pessoas do meio urbano e rural.

No terceiro objetivo específico, intentamos estudar a territorialidade do futebol amador rural, no modo que se possa ser compreendido como uma apropriação simbólica

¹ Comunidades: compreendidas aqui como localidades do interior da cidade de Ponte Preta.

do espaço para a reprodução de identidades, isto é, para a continuidade do sentimento de pertencimento aos lugares e aos grupos sociais em questão.

Através da pesquisa participativa, analisamos o futebol como parte do cotidiano das comunidades no município de Ponte Preta-RS. Segundo Gil (1987) “a observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do observador na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume pelo menos, até certo ponto, o papel de um membro do grupo” (p.108).

Complementada pela pesquisa exploratória, que segundo Gil (1987) “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses, pesquisas para estudos posteriores [...]” (p.44), sendo esta feita nas comunidades que estão “ativas²”, quer dizer, comunidades que jogam futebol amador todos os finais de semana, obtendo um convívio social associado a um sentimento de pertencimento ao local e, por fim, buscar dados na Prefeitura Municipal de Ponte Preta-RS referentes aos investimentos em campeonatos de futebol amador, e aspectos relacionados com o futebol amador e a sociedade pontepretense através da política municipal.

Enfim, a pesquisa de campo, foi realizada por observações, entrevistas semiestruturadas, com 37 entrevistados para melhor compreender a territorialidade do futebol pontepretense. As entrevistas foram realizadas em 3 etapas: a primeira fazendo entrevista com os 3 (três) presidentes das comunidades que possuem o futebol amador rural em exercício nos finais de semana. A segunda com 6 (seis) moradores idosos do município e a terceira com entrevista de jogadores, pelo qual, com aspectos diferentes, entre eles:

- jogadores que moram na comunidade: no total 13 (treze) jogadores, sendo que 3 (três) jogadores que moram na comunidade da Linha 5 Canarinho, 3 (três) jogadores da comunidade de São Luís e 07 (sete) jogadores de Souto Neto, numa porcentagem total de 90 % dos jogadores entrevistados.

- jogadores que migraram e voltam a jogar futebol nos finais de semana: 3 (três) entrevistas com jogadores da linha 5 Canarinho, com percentual de 100% dos entrevistados.

² Comunidades ativas são aquelas em que ainda existem famílias habitando, compostas normalmente por uma igreja e um clube recreativo.

- jogadores que se deslocam da cidade de São Valentim e Jacutinga para jogar futebol amador na comunidade de São Luiz e Linha 5 Canarinho, sendo entrevistados 12 (doze) atletas, 6 (seis) de cada cidade, numa porcentagem de 50 % dos entrevistados.

Para a conclusão de tal pesquisa, utilizamos procedimentos adversos nas entrevistas, entre eles: registros manuscritos dos depoimentos, através de análise de conteúdo dos depoimentos, e através de técnica de conteúdos buscando uma síntese das exposições.

Neste sentido passamos a analisar o futebol a luz da ciência geográfica, a partir de uma visão simbólica do espaço, ultrapassando a ideia de que o futebol é apenas um esporte, uma cultura física. Não podemos deixar de lado o fato de que:

Não é por acaso que um esporte chega a determinado local: naturalmente, o fator histórico tem enorme importância, no entanto, a geografia do espaço é determinante. Em um país montanhoso se pratica mais alpinismo que em outro com topografia mais plana, onde se pratica mais o futebol. As diferentes relações que o homem estabelece com o meio em determinada região e as diferentes paisagens naturais forneceram bases para diversas modalidades esportivas do mundo atual. (HOFIG & BRAGUETTO, 2012, p.81)

Os esportes, incluindo o futebol, passaram a ser objeto de estudo da nova geografia cultural tendo em vista que:

O espaço de representação do futebol é extremamente dinâmico, pois além das variações inerentes ao fato futebolístico (o que influencia sobremaneira as demais categorias), há diversas variações de apropriações dos elementos do espaço de representação do futebol. As variações ocorrem, principalmente, de acordo com quatro variáveis: tempo (período histórico em questão); espaço (localidade em questão ou mesmo variações de escala); atores sócio-espaciais (os diversos papéis e funções no espaço de representação de futebol); e instituições (tais como clubes, federações, confederações, entre outras). Estas apropriações formam territorialidades essencialmente simbólicas, que se expressam através de uma rede sócioespacial. (CAMPOS, 2008, p.258)

Dito isto, passamos para a estrutura do trabalho que está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, é abordado uma discussão teórica, pelo qual mostra a relação do futebol amador rural como fonte de estruturação identitária, de um fenômeno cultural e social do povo pontepretense, em relação aos conceitos de território e territorialidade no aspecto de apropriação simbólica do espaço.

No segundo capítulo, voltamo-nos para as “comunidades” onde são praticadas o futebol amador rural com a finalidade de compreender mais especificamente a história

de cada comunidade (fundação, festejos, origem étnica, e como surgiu o futebol na comunidade) e sua relação com a prática futebolística amadora. A metodologia baseou-se em entrevistas realizadas com presidentes das comunidades e jogadores. Num segundo momento, apresentamos as transformações que se processavam na agricultura antes e depois da modernização, as territorialidades pré-existentes e o que mudou com a chegada da tecnologia chamada de “moderna” no meio rural. Por fim, desenvolvemos uma análise sobre o futebol amador rural em relação ao futebol vinculado as festas e o futebol de fim de semana, e apresentar as diferentes maneiras de expressar a apropriação simbólica do espaço, através do futebol amador rural.

Já no terceiro capítulo, tratamos do futebol pontepretense em uma escala mais abrangente através do campeonato municipal, coletando dados em entrevistas com moradores idosos, membros da "Sociedade Esportiva e Recreativa Juvenil", pelo qual foi a entidade que deu início ao futebol na cidade, buscar a relação com a prefeitura municipal e sua contribuição quanto ao esporte no município, entre eles, (surgimento do campeonato municipal, inscrições, categorias, arbitragem, regras, público e premiações), sendo o futebol amador rural representado pela territorialidade do espaço em rede de relações sociais.

01 UMA LEITURA GEOGRÁFICA DO FUTEBOL AMADOR RURAL

A questão esportiva, principalmente relacionada ao futebol, vem se tornando tema recorrente de pesquisa nas ciências humanas, principalmente nas áreas ligadas à história e às ciências sociais, e mais recentemente, tem tido destaque também na Geografia. Optamos por trabalhar com a questão do território e da territorialidade e suas implicações no futebol amador de Ponte Preta tendo em vista as transformações pelas quais o esporte tem passado ao longo dos últimos 20 anos. A tabela a seguir, mostra a decadência da participação dos times no campeonato municipal, entre o ano de 1992 quando o município foi fundado, até o último campeonato realizado.

Quadro1- Estatística do Campeonato Municipal: 1992 até 2015 por categoria;

Ano	1992	1995	2000	2005	2010	2015
Primeira divisão	22	20	12	8	6	5
Segunda divisão	X	x	4	4	3	3
Veteranos	X	x	4	4	4	3
Infanto	X	x	4	4	4	3
Total	22	20	24	20	17	14

Fonte: Estatísticas colhidas no Departamento de Esportes CMD de Ponte Preta (2016), diagramação feita pelo autor.

Quadro 2- Estatística do Campeonato Municipal: 1992 até 2015 por equipes e atletas:

Ano	1992	1995	2000	2005	2010	2015
Times do Interior	18	16	16	16	14	10
Times da cidade	4	4	8	4	3	4
Total de times	22	20	24	20	17	14
Jogadores inscritos	484	440	528	440	374	308

Fonte: Estatísticas colhidas no Departamento de Esportes / CMD de Ponte Preta (2016), diagramação feita pelo autor

Como podemos perceber, do ano 1 (1992), para o 23^a ano após a emancipação (2015) temos uma queda considerável do número de times inscritos (36,36%) sendo a primeira divisão encontramos o maior número de evasão de equipes, 17 ou 77,27% de

participantes a menos. Encontramos também o decréscimo do número de atletas de 484 para 308 ou, uma redução de 36,36%. A partir desta análise, queremos encontrar os motivos que levaram a esse declínio do futebol amador na cidade de Ponte Preta. Dados que, associados as entrevistas realizadas, nos ajudarão a elucidar questões relacionadas a diminuição dos times das “comunidades” do interior.

Algumas outras considerações acerca dos quadros: Os times do interior diminuíram consideravelmente: foram 44,44% de desistências; há mais times do interior do que times da cidade, em 1992, 81,81% eram times de comunidades rurais, já os times urbanos representavam 18,19% do total. Como foi feito o senso demográfico em 1991, e a cidade foi emancipada em 1992, a pesquisa limita-se a estes dados, não sendo possível compreender a porcentagem de população residente em área urbana e rural. Em 2015, 71,43 % dos times são rurais, e 28,57% são times urbanos. Segundo o senso de 2010, 29,26% da população é urbana, enquanto existem 70,74% de população residindo em área rural, o que nos demonstra que a quantidade de times de cada região, mantém uma média com a quantidade populacional do campo e da cidade.

O futebol amador rural propicia a interação social nas e entre as “comunidades”. Em certos casos representa o enraizamento à determinado local, ou seja, o indivíduo que sempre esteve presente naquela “comunidade” está jogando ali porque vai ser enterrado no cemitério da “comunidade”, onde seus parentes também estão enterrados. Mais do que isso, é onde nasceram e cresceram e em alguns casos constituíram família. Mantendo assim uma “tradição” constituída por seus antepassados. Tradição esta, que se rompeu devido aos fluxos migratória e a busca pela inserção em novos nichos educacionais ou de trabalho.

Como afirma Claval (1999), “a geografia novamente se inclina sobre o sentido de enraizamento, sobre os laços afetivos e morais que os grupos tecem com o solo onde nasceram e estão sepultados seus antepassados” (p.10). Além disso, o autor complementa que “[...] o que conta em tal caso é a dimensão simbólica de certos referentes espaciais, lugares de culto, túmulos de ancestrais” (p.17). Para Campos (2009), “o futebol amador engendra maior fidelidade, uma vez que se joga por vontade, por amor, pela diversão, sem nenhuma (ou menores do que no futebol profissional) obrigação contratual e cobrança de rendimento” (p.140).

Para Carlos (2007, p.22),

A natureza social da identidade, do sentimento de pertencer ao lugar ou das formas de apropriação do espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história fragmentária feitas de resíduos e detritos, pela acumulação dos tempos, marcados, remarcados, nomeados, natureza transformada pela prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo.

Para entender-se o futebol rural é necessário que tenhamos em mente alguns elementos que o constituem enquanto ferramenta agregadora de massas, afinal, ele é: “uma arte popular e barata: o futebol não requer alfabetização, duas pedras fazem o gol, uma bola faz o jogo. Essa economia o tornou tão difundido. São mais de 10 000 partidas a cada domingo, da qual participam ou já participaram 85% dos brasileiros.” (Veja, no 93 de 17/06/1970, p.56 Apud CHAGAS, 2009, s/p). De maneira que população como um todo, torna-se protagonista no processo de criação do futebol. “Por isso, é possível o acordo entre o intelectual e o semi-alfabeto, sobre a beleza deste ou daquele gol. Todos têm direito e condição para opinar, e essas opiniões pouco divergem, na verdade.” (Veja, no 93 de 17/06/1970, p.56 Apud CHAGAS, 2009, s/p)

Seguindo neste mesmo mote, o futebol amador possibilita, em tese, que todos os times possam competir entre si, que as disparidades socioeconômicas fiquem fora das quatro linhas de jogo, onde onze atletas de cada time correm em busca de fazer os “seus” felizes. Cada gol é um “soco” nos problemas cotidianos.

O que faz a especificidade do futebol é que ele se desenvolve num espaço nacional. Não apenas porque quase todos, no Brasil, estão concernidos pelo futebol. Mas porque qualquer time pode, em tese, competir com qualquer outro, porque os jogadores podem mudar de time, porque, no universo futebolístico, tudo se relaciona com tudo num clima geral de autotransparência, apesar dos conchavos e manipulações dos cartolas. A ‘sociedade futebolística’ é política precisamente pelo fato de alcançar essa dimensão nacional (DEBRUN, 1983, p. 89).

O futebol amador rural é um fenômeno cultural, espacial e social de grande importância para o povo de Ponte Preta, pois é a fonte de identidade, de apropriação simbólica do espaço, de pertencimento do local, ligado a vida cotidiana das pessoas do município. Segundo (BRUNET et al., 1992 p. 232 *apud* CLAVAL, 1999, p. 10),

São os lugares de memória; seu valor simbólico é mais ou menos nobre, local, nacional, internacional, mundial, ou próprio à uma religião, à uma

cultura; eles são frequentemente fontes de identidade coletiva e também de atividades econômicas”. Baseados em uma lógica subjetiva, ou seja, mais na afetuosidade do que na racionalidade, a geografia foca nas dimensões culturais e sociais, que leva em consideração as novas lógicas de estruturação identitária.

O Futebol amador rural se caracteriza pelo pertencimento ao espaço, que segundo Haesbaert (p.74) “ao falar-se em territorialidade estar-se-ia dando ênfase ao caráter simbólico, ainda que ele não seja o elemento dominante e muito menos esgote as características do território”, ou pode ser compreendido como uma representação de identidades cujo território aqui é, antes de tudo, um território simbólico, ou um espaço de referência para a construção de identidades” (HAESBAERT, 2012, p.35).

Quanto ao conceito de território, trabalhamos com sua dimensão simbólico-cultural entendida como espaço de referência para a construção de identidades, ou seja, de identificação com o local de origem do indivíduo. Neste sentido, como aponta Haesbaert (2012), “[...] o território não se define [unicamente] por um princípio material de apropriação, mas [também] por um princípio cultural de identificação, ou, se preferirmos, de pertencimento. Este princípio explica a intensidade da relação como território” (p.72).

A palavra território vem do latim *territorium*, sendo, associado a terra, naco de terra apropriado. “O vocábulo latino terra é fundamental para se entender o significado da palavra território, pois explicita sua estreita ligação com a terra, como um fragmento do espaço onde se constroem relações tanto de base materialista quanto de base idealista.” (CRESPO, 2010, s/p). Já segundo Haesbaert (2012, p72), “o território possui uma denominação simbólica e material que envolvem relações políticas, jurídicas e de poder, promovendo deste modo, diferentes ideias de dominação, apropriação e caracterização de um mesmo território”.

O território configura-se como a manifestação espacial do poder fundamentada em relações sociais. Essa compreensão permite pensar o processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização, baseado, sobretudo no grau de acessibilidade à informação; em outras palavras, a informação, ou não, de símbolos e\ ou de significados pode fazer surgir novos territórios (territorialização), destruí-los (desterritorialização) ou reconstruí-los (reterritorialização). (RAFFESTIN, 1993 *apud* SAQUET, 2010, p.36),

Raffestin (1993) afirma que,

O território [...] não poderia ser nada mais que o produto dos atores sociais. São esses atores que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço. Há portanto um ‘processo’ do território, quando se manifestam todas as espécies de relações de poder, 79 Por uma abordagem territorial que se traduzem por malhas, redes e centralidades cuja permanência é variável mas que constituem invariáveis na qualidade de categorias obrigatórias. (RAFFESTIN 1993, p.7-8).

Neste sentido, o futebol permite uma simbólica reterritorialização dos indivíduos que já tiveram efetiva ligação com um determinado lugar. O futebol, para vários praticantes, expressa a reterritorialização simbólica de uma ligação que objetivamente se desfez com os processos migratórios, mas subjetivamente, simbolicamente esses laços ainda persistem³. Para Saquet (2006, p.62),

[...] o homem, vivendo em sociedade, territorializa-se através de suas atividades cotidianas, seja no campo, seja na cidade. Ele constitui um lugar de vida. Este processo é condicionado e gera as territorialidades, que são todas as relações diárias que efetivamos, (i) materiais, no trabalho, na família, na Igreja, nas lojas, nos bancos, na escola etc. Estas relações, as territorialidades, é que constituem o território de vida de cada pessoa ou grupo social num determinado espaço geográfico.

Já Dematteis (2008) trata territorialidade “ativa” como a interação entre os diferentes atores do território através do estabelecimento das relações sociais derivadas “das ações coletivas territorializadas e territorializantes dos sujeitos locais e objetiva a construção de estratégias de inclusão” (DEMATTEIS, 2008, p.35).

Como podemos perceber, o conceito de território possui várias conotações, o simbólico e cultural são as que utilizaremos em nosso trabalho, sob uma perspectiva que os tornam indissociáveis, pois o território se mantém praticamente intacto, todavia a formação de suas sociabilidades⁴. Com o passar dos anos, se modificou, o espaço rural simbólico ficou atenuado pelo fato dos jovens irem em busca de novas oportunidades em centros urbanos, fazendo com que muitas vezes os pais destes filhos fossem juntos, em busca de emprego e nova expectativa de vida, e assim os núcleos populacionais das comunidades do interior foram ficando cada vez mais reduzidos, prejudicando a

³ A condição do homem (sic) exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar-se a si mesmo como algo mais amplo — como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar nome, mas ele reconhece instintivamente como seu lar (SCRUTON apud HALL, 2004, p.48).

⁴ A essência do conceito de território está nas relações sociais e mediações entre a sociedade e a natureza. As relações territoriais estão na base da construção de cada território, sempre centradas na atuação dos homens, sujeitos históricos que contêm em si a síntese da unidade dialética entre a natureza e a sociedade: somos naturais e sociais, (SAQUET, 2014, p.278)

continuidade do futebol amador rural⁵. Porém, todos estes fatos tem uma explicação, Claval (2010) afirma que “As pessoas têm uma reação emotiva diante dos lugares em que vivem que percorrem regularmente ou que visitam eventualmente” (p. 39), ou até mesmo segundo Haesbaert (2012) “é uma parcela de identidade, fonte de uma relação de essência afetiva ou mesmo amorosa ao espaço”. (p.72).

O território e a territorialidade são distintos neste sentido, pois ultrapassam o enfoque material, afinal os atletas que ainda jogam pelas equipes amadoras, muitas vezes não moram na cidade, mas mesmo assim continuam a comparecer aos jogos, isso pode ser compreendido como algo simbólico, de maneira de pertencimento do ambiente em que habitam é o que se refere Claval (1999),

[..] Indo no sentido da história, elas englobam, sem que em geral isto provoque dificuldades, o que subsiste de sentimentos de pertencimento e de territorialidades do passado. Estas deixam de ser vividas sob a forma de territorialidade contínua - e se transformam em territorialidades simbólicas que se prestam perfeitamente ao jogo de hierarquização e de imbricação dos pertencimentos (p.19).

Neste contexto, o território é essencial, o futebol amador rural apropria-se simbolicamente do espaço, que segundo Campos (2009), “estes territórios futebolísticos de sociabilização não necessariamente possuem alguma marca material que denota o uso exclusivo dos que nele frequentam, ou seja, não são delimitados fisicamente, mas o são do modo simbólico” (p.146).

Saquet contribui com essa ideia de multidimensionalidade:

É nesse sentido que entendemos o território e a territorialidade como multidimensionais e inerentes à vida na natureza e na sociedade. Na natureza, o homem vive relações. Na sociedade, o homem vive relações. Em ambas, o homem vive relações construindo um mundo objetivo e subjetivo, material e imaterial. O homem vive relações sociais, construção do território, interações e relações de poder; diferentes atividades cotidianas, que se revelam na construção de malhas, nós e redes, constituindo o território. A territorialidade efetiva-se em distintas escalas espaciais e varia no tempo através das relações

5

Dados Demográficos Ponte Preta RS	
Ano	Pop. Total
1996	2332
2000	2153
2007	1840
2010	1750
2016	1717 (estimativa)

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 1991, Contagem Populacional 1996, Censo Demográfico 2000, Contagem Populacional 2007 e Censo Demográfico 2010

de poder, das redes de circulação e comunicação, da dominação, das identidades, entre outras relações sociais realizadas entre sujeitos e entre estes com seu lugar de vida, tanto econômica como política e culturalmente (SAQUET, 2009, p.89)

O sentimento identitário, pode ser compreendido como uma construção cultural, podendo ser um membro que pertence a tal grupo, que se identifique com o espaço conforme a sua realidade e ajudam a compreendê-lo como formas de mostra o seu cotidiano, que podem produzir sua identidade com o lugar, onde o indivíduo está jogando futebol amador porque reconhece aquele lugar como forma de pertencimento de identificação com aquela comunidade, esta relação, “de vizinhança [...], o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade [...] (CARLOS, 2007, p. 18).

Neste sentido, analisamos o “lugar”⁶ segundo Carlos (2007) "o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida — apropriada através do corpo — dos sentidos — dos passos de seus moradores [...], além de compreender que lugar" [...] são conhecidos reconhecidos como parte da comunidade, cumprimentados como tal, não simples prestadores de serviço" (p. 17).

O futebol rural pode ser compreendido como uma maneira de apropriação simbólica, afinal,

Os jogos são ocasiões especiais para dramatizar o pertencimento, manifestando-o publicamente. Quanto mais intensa for a identificação do indivíduo com o clube, mais vulnerável ele será às oscilações da equipe. Dentre todas as derrotas possíveis, a pior é aquela imposta pelo clube rival, cada clube tendo um ou mais rivais preferenciais. As rivalidades são essenciais à dinâmica das emoções, e tendem a ser mais antigas e estruturadas lá onde os clubes envolvidos conseguiram mobilizar, para o espectro do clubismo, as categorias sociais tidas como conflituosas no espectro mais amplo da sociedade - na Irlanda são categorias religiosas, no Brasil são, sobretudo, de raça, classe social e região. Daí porque alguns espetáculos são mais interessantes do que outros, independente das performances. Nada mais equívoco, portanto, do que pensar nos estádios como espaços nos quais são manifestas as pulsões da irracionalidade – “o instinto animal que habita o homem”, como supõe as mais frágeis suposições psicologizantes. Estádios são locais onde se pode observar emoções intensas, mas os cânticos, xingamentos, afetos, risos e lágrimas que se pode notar nas arquibancadas têm um sentido. Ou melhor: são manifestações prenes de significado, que dizem respeito às idiosincrasias do sujeito que as enuncia e também sobre as formas específicas de sensibilidade forjadas no espectro do futebol de espetáculo (DAMO, 2008, p. 148/9).

⁶ Lugar aqui entendido como área.

Nessa perspectiva, o espaço ocupado pelo futebol na sociedade pontepretense ultrapassa a ideia de que ele se configura como um esporte em que vinte e dois homens correm atrás de uma bola de couro ou sintética em busca de atirá-la entre as traves e marcar um gol, para assumir um caráter de dar “visibilidade” a um grupo de indivíduos que eram até então invisíveis⁷. [...] apesar dos limites, operaram com muita sagacidade sobre seus problemas e alcançaram resultados valiosos no cenário social a partir do futebol” (SANTOS, 2009, p.211).

Outro fenômeno que o futebol desperta, é a ideia de que um eu, é substituído por um nós, pelo menos no período que compreende o pré, o pós e jogo propriamente dito, este sentimento de pertencimento ligado a suas origens, remonta para a ideia de que esta dimensão simbólica é compartilhada em práticas que desenvolvem identificação, sendo um traço constitutivo da comunidade, não se vinculando a territórios físicos específicos ou delimitados, “não se define em um ‘tamanho’, não pressupõe lugares nem o contato face a face, mas resguarda-se na materialidade visível de interesses sendo compartilhados e que envolvem participação, assegurando-se como linguagem de pertencimento” (SOUZA, 2010, p. 38-39). Nesse sentido, encontramos ainda, uma ideia importante dessa consolidação de um nós, pois,

Passagem de ações individualistas para ações de interesse coletivo, desenvolvimento de processos de interação, a confluência em torno de ações tendo em vista alguns objetivos comuns, constituição de identidades culturais em torno do desenvolvimento de aptidões associativas em prol do interesse público, participação popular ativa e direta e, maior conscientização das pessoas sobre a realidade em que estão inseridas (PERUZZO, 2002, p.290)

A realização de um jogo na “comunidade” é um evento que mobiliza uma grande parte do grupo social que reside ali, um trabalho conjunto para cortar a grama, marcar o campo, preparar a carne para o churrasco, gelar as bebidas, para que depois da peleja as equipes e “comunidades” façam um processo de integração. O jogo é o elemento que possibilita que momentos como estes continuem acontecendo.

De uma maneira geral, podemos entender a partir das ideias de Saquet (2010), que o território vai além das relações sociais, ele representa concomitantemente a materialidade dos espaços e espacialidades, bem como dos processos sociais de controle, dominação e enraizamento. É onde se estabelecem as relações de poder entre

⁷Quando falamos de invisibilidade, nos referimos àqueles que estão as margens da sociedade, que encontram no futebol uma forma de serem notados seja pela mídia, seja pelos demais membros da sociedade que em tese fazem parte.

os homens em suas vidas cotidianas. Já a territorialidade pode ser compreendida como as relações sociopolíticas e culturais que formam redes de comunicação e circulação, contribuindo para o controle do espaço. Elementos que em tese, reproduzem a hegemonia vigente, além de interligar o local ao global. Sendo fruto das relações estabelecidas diariamente pelos homens entre si e com o meio.

Por fim, com base nos conceitos abordados entre território e territorialidade pelo qual sua relação neste aspecto se refere de maneira simbólica do espaço, ou até mesmo um espaço de referência para a construção de identidades em determinados locais, transformando em territorialidade simbólica. Com estes conceitos podemos agregar com o futebol amador rural, pois envolve aspectos referentes ao enraizamento com a “comunidade”, na construção de identidade e no pertencimento do “lugar”, além do mais, obtendo uma maneira de apropriação simbólica do espaço em que ocorre a integração social entre as pessoas.

2 CARACTERIZAÇÃO DAS TRANSFORMAÇÕES NAS “COMUNIDADES” RURAIS E SUAS REPERCUSÕES NA PRÁTICA DO FUTEBOL AMADOR RURAL

A escolha pela análise do futebol na cidade de Ponte Preta se deu pelo interesse de entender como as relações sociais se estabelecem a partir da perspectiva do futebol amador rural, tendo em vista a forma como este município se constituiu.

Em 1910, aproximadamente, chegaram os primeiros colonizadores na região⁸, vindos de Encantado, Boa Vista, Guaporé, Bento Gonçalves, entre outras localidades, sendo basicamente de origem Italiana e de Alemães. Porém, encontrando neste local uma área fechada por florestas nativa e pinheiros, tendo a necessidade da mão-de-obra braçal para poder começar o cultivo de cereais na região. De acordo com Pellanda (1925),

O principal núcleo colonial da região serrana é incontestavelmente este, criado em 6 de Outubro de 1908, pelo Estado, e instalado em 1910 com os primeiros 36 colonos, sendo 4 famílias com 28 pessoas e 8 solteiros. O seu desenvolvimento não tem ponto de comparação dentro ou fora de nosso Estado, posto que apenas em 8 anos a sua população aumentou de 32.000 habitantes e a produção, que era nenhuma, se elevou no mesmo espaço de tempo a 3.600:000\$000, dos quais foram exportados 2.574:000\$000. Dez anos apenas depois de fundada, e com oito anos somente de colonização efetiva, foi elevada à categoria de vila em 30 de Abril de 1918. A área total, medida e demarcada, desta colônia era de 105.624 hectares, restando por medir 305.640 hectares em 1912. A sua população em 1921 era de 40.650 habitantes dos quais cerca de 9.000 teuto-brasileiros. A sua receita nesse ano já atingia 128:100\$000 (PELLANDA 1925, p. 189)

Nesta época que se deu início a história oficial do Município de Ponte Preta⁹, localizado ao Norte do Estado do Rio Grande do Sul, conhecido anteriormente pelo nome de Lajeado Grande. Passando os anos, ocorreu a necessidade de ligar o Rio Lajeado Grande a outras localidades, entre elas, Linha 7 e Souto Neto, com a necessidade da construção de uma Ponte de madeira sobre o Rio Jupirangava, cuja a finalidade foi a ligação do interior com a cidade, conforme a imagem a seguir.

⁸ [...] as matas de Erechim, que desde tempos imemoriais eram habitadas por numerosas tribos de índios, foram invadidas, durante os séculos XVIII e XIX por um grande número de aventureiros, bandeirantes, foragidos da polícia ou fugitivos das revoluções de 1835 e 1893, que ali estabeleceram suas toscas moradas, cobertas de taboinhas ou folhas de palmeiras (Ducatti Neto, 1981, p. 74)

⁹Disponível em: <http://www.pontepreta.rs.gov.br/site/municipio/page?pagenome=historia>. Acesso: 10 set. 2015

Figura 1: Primeira Ponte de Madeira Construída no Rio Jupirangava

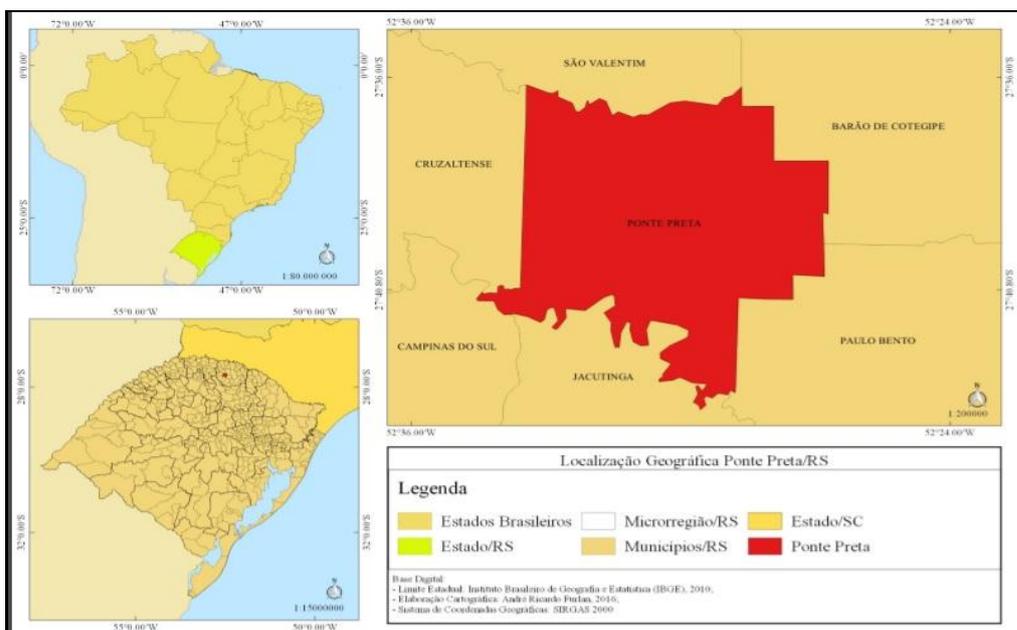


Fonte: Acervo A. H. M. Juarez Miguel Illa Font – Erechim / RS

Ela foi construída e erguida com a ajuda de todas as pessoas que viviam no local. Em poucos anos essa obra foi concluída, sendo a mesma construída com uma suspensão aérea, totalmente de madeira de lei. Para ser melhor conservada, a ponte de madeira foi pintada com um líquido preto, naquela época conhecido como alcatrão, nos dias atuais como piche, dando-se assim a origem ao nome de Ponte Preta.

Após 82 anos, Ponte Preta vem a ser município, em 20 de março de 1992, pela Lei nº. 9.573/92, sendo esta promulgada pelo então atual Governador do Estado Alceu Collares,

Figura 2 – Localização do Município de Ponte Preta



Fonte: Elaboração André Ricardo Furlan.

A primeira administração teve início no período de 1993 a 1996, tendo como Prefeito o Sr. Júlio Capeleto. Já no segundo e no terceiro mandato ocorrido entre os anos de 1997 até 2004 teve como Prefeito o Sr. Nelson Rosito Argenta. Em seguida, na quarta e na quinta administração ocorrido nos anos de 2005 até 2012 tendo como Prefeito o Sr. Luís Carlos Parise. Na atualidade, no período da sexta administração 2013 a 2016 exerce o cargo o Prefeito Sr.: Ademir Márcio Sacrezenski.

Neste cenário, vamos analisar as comunidades do interior, da cidade e o impacto que o futebol causa na formação da sociabilidade de seus habitantes. No capítulo anterior vimos que ele é um elemento que fortalece as relações sociais entre os indivíduos que participam direta ou indiretamente dele. O sentido de comunidade tem um papel importante nesse contexto, Bauman (2003, p. 9) escreve:

Numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez. Ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça. Se dermos um mau passo, ainda podemos nos confessar, dar explicações e pedir desculpas, arrepender-nos se necessário; as pessoas ouvirão com simpatia e nos perdoarão, de modo que ninguém fique ressentido para sempre. E sempre haverá alguém para nos dar a mão em momentos de tristeza. Quando passarmos por momentos difíceis e por

necessidades sérias, as pessoas não pedirão fiança antes de decidirem se nos ajudarão; não perguntarão como e quando retribuiremos, mas sim do que precisamos. E raramente dirão que não é seu dever ajudar-nos nem recusarão seu apoio só porque não há um contrato entre nós que as obrigue a fazê-lo, ou porque tenhamos deixado de ler as entrelinhas. Nosso dever, pura e simplesmente, é ajudar uns aos outros e, assim, temos pura e simplesmente o direito de esperar obter a ajuda de que precisamos.

Esta ideia de unidade dentro da diversidade de uma comunidade possui alguns elementos constitutivos que seriam capazes de explicar como elas se articulam, quais os elementos responsáveis por isso, Schmitz (1995, p. 185), explica que existiria:

Algo fora do alcance nos seres humanos individuais que não se baseia em uma individualidade já completada; e isso é sua incompletude ontológica radical. Essa incompletude pertence à própria natureza do homem, não simplesmente na medida em que ele é individualizado, mas além disso; de forma que a própria natureza do homem é ela mesma, radicalmente incompleta.

A comunidade pode incorporar tanto as estratégias religiosas e naturais de completude, mediando entre elas e tomando forma de acordo com o modelo especificamente humano que medeia a incompletude ontológica radical do homem. A comunidade é concomitante com o indivíduo humano porque o indivíduo não pode ser humano sem ela, mas antecede o indivíduo porque é um princípio constitutivo.

Na mesma linha dos elementos acima citados encontramos o futebol amador, que é uma prática de lazer e de cunho mobilizatório. Para entendermos as relações estabelecidas pelo futebol amador rural em Ponte Preta, não podemos perder de vista que a maior parte da população vive na área rural, em pequenas comunidades, que a seguir serão apresentadas.

2.1 COMUNIDADE SOUTO NETO

Aproximadamente em 1918 a Comunidade de Souto Neto começou a receber seus primeiros moradores, sendo basicamente por grupos descendentes de Italianos vindos das colônias velhas do Rio Grande do Sul Antônio Prado, Caxias do Sul, Bento Gonçalves e em alguns casos imigrantes da própria Itália, que em meados de 1920 acabaram construindo o primeiro Oratório. Contudo, aproximadamente em 1930 construíram a primeira Capela, tendo como orador do terço o Sr. Silvio Casali. Já em 1943, foi construída a segunda Capela, conforme a figura a seguir,

Figura 3 - Inauguração da Capela de Souto Neto - 1976



Fonte: Arquivo disponível na “Comunidade”.

Sendo sua construção orientada pelo padre Benjamim Busatta que, por fim, o padre José Dal Alba em 1962 fez a primeira missa. Contudo, em 1970 foi construída a Capela atual, no terreno doado pelo Sr. Napoleão Jardimello, sendo a mesma inaugurada em 1976, pelos moradores locais.

Atualmente a comunidade possui cerca de 155 famílias associadas, tendo como Presidente da Comunidade o senhor Deoclécio Brum, que juntamente com os membros da comunidade tem a incumbência de manter a localidade em boas condições de habitação e a integração entre a sociedade. Sua maior atração é o baile de Chopp no mês de outubro, realizado em todos os anos.

O time de futebol amador da Comunidade, conhecido como E.C. Flamengo de Souto Neto, conforme a figura a seguir,

Figura 4 - Time da Comunidade de Souto Neto (2000)



Fonte: Acervo disponível na “Comunidade”

Com seu fardamento nas cores preta e vermelha, se originou aproximadamente no ano de 1960, sendo composto basicamente por atletas fundadores da Comunidade e filhos dos mesmos (informação relatada pelo presidente da comunidade). O nome de Flamengo se originou pelo fato na década de 60 o C.R. Flamengo da cidade do Rio de Janeiro-RJ, ser o clube mais conhecido no Brasil, então os jogadores e membros da comunidade optaram pelo nome. Uma perceptível influência da mídia radiofônica, até então o único meio de comunicação disponível.

Atualmente, nos finais de semana usufruem da comunidade para uma integração e convívio social entre as famílias e pessoas vindas de outras localidades.

2.2 COMUNIDADE L.5 CANARINHO

Em 19 de Junho de 1949, a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Linha 5 (Cinco) Canarinho, conforme a figura a seguir,

Figura 5 - Inauguração da Igreja Evangélica Luterana da Linha 5 Canarinho



Fonte: Acervo disponível na Igreja

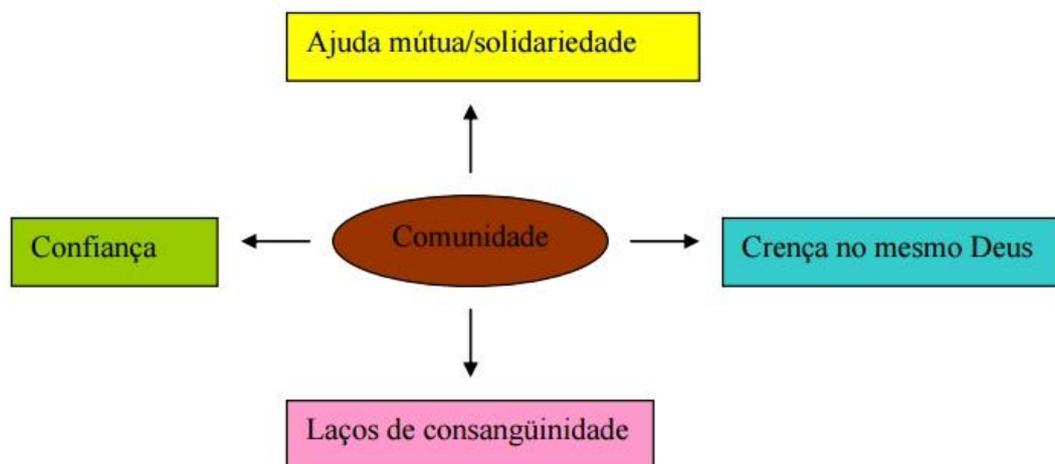
Foi fundada por colonizadores alemães, sendo a primeira ata escrita no idioma alemão, que constatava um total de 22 famílias, todas de origem germânica, tendo como o primeiro Presidente da Comunidade o Sr. João David Sommer. A Comunidade da Linha 5 Canarinho tem como Presidente o Sr. Valdir Grams, e conta com cerca de 60 famílias associadas, que tem como função a realização das atividades culturais, religiosas e esportivas. Tradicionalmente, a Comunidade faz os festivais de Kerb, conhecida como comidas típicas alemãs, ocorre no mês de maio, juntamente com o culto de kerb, com jantar e baile, além de danças e apresentações da cultura alemã, conforme a figura a seguir,

Figura 6 - Salão de Festas da Comunidade Linha 5 Canarinho



Fonte: Arquivo disponível na “Comunidade”, 2015.

Neste aspecto, podemos entender a articulação de uma comunidade segundo Claval (1999),



Arranjo territorial de uma comunidade de acordo com Claval (1999). Org. M. Venâncio (2007).

O time de futebol amador rural da comunidade começou quando as famílias se conscientizaram que precisavam ter um campo de futebol na comunidade, para que a

prática do futebol pudesse contribuir para a integração entre as pessoas da sociedade e para que os jogadores não se deslocassem para outros lugares, deixando a comunidade vazia aos domingos. Então, o presidente da comunidade na época Alberto Groman, que juntamente com membros do time, adquiriu uma área de terra de Edvino Muskopp, e começaram a modificar a lavoura para fazer um campo de futebol. Depois do campo feito, precisavam de um nome para o time, em virtude na época da seleção brasileira ser chamada de “seleção canarina”, Albino Rohde aconselhou o nome de E.C. Canarinho para o time, sendo aprovado por toda a comunidade, conforme a figura a seguir,

Figura 7 - Time do E.C. Canarinho (Janeiro De 1981)



Fonte: Edvino Rohde (in memórian)

Para jogar futebol na época, e para uma melhor integração entre as comunidades do interior, o time do E.C. Canarinho se deslocava com uma camionete F-100.

No dia 05 de dezembro de 1972 o campo é inaugurado na comunidade da Linha 5 Canarinho, fazendo com que através da prática do futebol amador rural a comunidade evoluísse cada vez mais, pois as pessoas participavam do futebol, juntamente com seus filhos e jogadores que vinham de outras localidades, trocavam experiências e informações

Nos últimos anos, o time da Comunidade é basicamente formado por atletas vindos de Jacutinga-RS, pelo qual jogam no local pela afetividade, amizade e opção de local para um convívio social e lazer.

2.3 COMUNIDADE DE SÃO LUIZ

A Comunidade de São Luiz foi fundada aproximadamente em Março de 1926, por famílias italianas, conforme figura a seguir,

Figura 8- Igreja Católica e Salão da Comunidade de São Luiz - 2015



Fonte: Acervo disponível na “Comunidade”

As famílias fundadoras foram de Arnaldo Oltramari, Pedro Rosi, Estefano Bottini e Angelo Munerol. O nome da Comunidade se originou por existirem muitos jovens, pelo qual o Santo São Luiz era conhecido como protetor da Juventude.

De origem italiana, São Luiz Gonzaga, nasceu no ano de 1568 na cidade de Castiglione, porém faleceu em 1591 com apenas 23 anos. O Santo chegou na comunidade de São Luiz, trazido a cavalo, devido a precariedade e o difícil acesso das estradas na época. A data que se comemora o dia do Santo é 21 de junho.

Aproximadamente em 1980 o time de futebol amador da “comunidade” Atlético de São Luiz, começou a praticar o futebol amador rural, conforme a figura a seguir,

Figura 9 – Time do Atlético de São Luiz Em 1980



Fonte: Acervo disponível na “Comunidade”.

Entretanto, o time de futebol amador jogava em outras comunidades, pois não tinham campo na comunidade para a prática do esporte. Com o passar do tempo, as pessoas da comunidade de São Luiz, resolveram que tinham que fazer um campo na comunidade para melhor integração entre as pessoas do local e as vindas de outras localidades. Esta área de terra existia na comunidade, porém era de posse do Governo, que por sua vez representantes da comunidade foram até a comissão de terras, localizada no município de Erechim-RS, para adquirir esta área. Enfim, após muita persistência conseguiram a liberação do terreno e, com o apoio da prefeitura Municipal de São Valentim na época, começaram o nivelamento para construção do campo de futebol, conforme a figura a seguir,

Figura 10 - Nivelamento do Campo do Atlético de São Luiz - 1992



Fonte: Arquivo disponível na “Comunidade”

Através de doações, conseguiram as travas de ferro e a rede das goleiras (tentos) para o campo de futebol e a luz elétrica para a comunidade. O time na época não tinha camisa para jogar, cada jogador levava um calção e jogavam sem camisa e de pés descalços. O primeiro terno (uniforme) de camisas foi comprado quando um agricultor fez uma doação de um pedaço de terra, para que os jogadores cultivassem a área com milho, soja, trigo etc. para que com o lucro dos cereais pudessem comprar as camisas para o time.

Para jogar futebol na época, os jogos eram marcados por uma pessoa que ia a cavalo marcar os jogos em outras “comunidades”, pois não existiam telefones ali naquela época. Para irem jogar futebol nos domingos, iam caminhando ou montados a cavalo, estes, tinham a obrigação de levar as camisas do time todo. Mais tarde, com a evolução dos meios de transporte, o trajeto dos jogos era feito de caminhão, trator e carroto. Enfim, com o passar do tempo, resolveram fazer um torneio, sendo que 32 times participaram do mesmo, e com o lucro compraram um terno de camisas, e o restante do dinheiro foi utilizado para as despesas de meios de transportes para se deslocarem para outras comunidades para a prática do futebol amador.

Com todos estes obstáculos, persistência e dedicação, a “comunidade” e o time de futebol amador Atlético São Luiz está ativo até os dias atuais, sendo formado por

poucos moradores da “comunidade” e basicamente integrado por jogadores vindos do município de São Valentim-RS, que jogam na comunidade pelo simples fato da ocupação simbólica do território, além da amizade com as pessoas da comunidade, e por ser o local mais próximo para se praticar o futebol amador rural.

2.4 A RIVALIDADE “CAMPO X CIDADE” O S.E.R. JUVENIL

O futebol em Ponte Preta começou quando a localidade era apenas distrito do município de Jacutinga-RS. Como o esporte era muito apreciado na comunidade, fundaram o primeiro time de futebol, em 07 de setembro de 1957, chamado de "Sociedade Esportiva e Recreativa Juvenil", conforme a figura a seguir,

Figura 11 – Equipe Juvenil 1969



Fonte: Acervo disponível na “Comunidade”

Ele tinha como objetivo na época o lazer, a integração e a socialização com as demais comunidades do interior, do município, pelo qual se realizavam triangulares, quadrangulares, e torneios em geral.

De acordo com os entrevistados Adelino Zappani, Celésio Moroginski e Valentin Tomazelli, além do futebol, jogava-se baralho e bolão, não sendo raro

ocorrerem matinês e filós (cerão tradicional em que as famílias italianas visitavam seus vizinhos para cantarem, contarem histórias e fazer uma refeição) nas comunidades.

Fioravante Biazus, Alexandre Confortim, José Confortim, Francisco Confortim, Adeke Murganti, Antônio Greselli, Gabriel Berto, Isidério Berto, Mario Berto e Domingos Barro foram os primeiros atletas a jogarem futebol, (ver Anexo M) todavia, outros vários atletas fizeram parte do processo, mas não foram lembrados pelos entrevistados nem pelos torcedores que foram consultados informalmente.

Como o futebol era algo muito apreciado e de grande importância para as pessoas naquele tempo, tendo em vista o fortalecimento do futebol enquanto ferramenta identitária¹⁰, as mulheres e filhos acabavam por incorporar o papel de apoiadores dos seus respectivos times. Todavia, mesmo sendo algo relevante para a comunidade, os senhores Gregoletto e Lazaroto na época donos do terreno que existia o campo de futebol resolveram fazer lavoura naquela área.

Nas décadas que se seguiram até a emancipação do município, o futebol continuou sendo uma prática comum, e mesmo com seu apelo popular, o Sr. Altair Scatolin relata que para se conseguir um campo para a prática do jogo,

Pediram ajuda para o prefeito de Jacutinga para arrumar a terra do campo, e este não realizou, então recorreram ao prefeito de São Valentim que este disponibilizou as máquinas, mais tarde conseguiram luz elétrica, rede, traves de ferro por meio de doações. (SCATOLIN, 2015 e o número da página???)

Com a fundação do município em 1992, a Prefeitura Municipal comprou um novo terreno para a "Sociedade Esportiva e Recreativa Juvenil", onde que sua base foi patrolada pela prefeitura e a grama foi toda semeada pelos membros do time na época, meados de novembro, 1992.

O campo está localizado na sede do município de Ponte Preta, e atualmente sua manutenção e de suas estruturas são de responsabilidade da Prefeitura Municipal. É nele que ocorrem os torneios e campeonatos municipais, conforme a figura a seguir,

¹⁰ Neste período o futebol brasileiro vai se consolidando como um esporte de massas e como paixão nacional, afinal em 1950 ocorreu uma Copa do Mundo em terras tupiniquins, em 1954 se reformula o escrete nacional, o que culmina com o primeiro título mundial da seleção na Suécia. Tal organização só foi capaz de ocorrer devido ao fortalecimento do rádio como meio de comunicação.

Figura 12 – Campo Municipal de Ponte Preta



Fonte: Edemar Marcos Rohde (2015)

Isso acabava ocasionando a interação social e a integração entre campo e cidade no município. O fato de ter o auxílio do poder público, faz com que se estabeleça uma forte rivalidade entre as equipes das comunidades e a equipe da “cidade”. Normalmente, ele fica dentro das quatro linhas, mas esporadicamente, os ânimos se acirram, principalmente nas fases finais dos campeonatos. Durante as entrevistas, apenas o senhor Valério Tomazelli, citou o clima conflituoso da prática esportiva: “Era uma integração boa até certo ponto, porque não podia olhar de atravessado, pois fechava o pau, brigas constantes”. Arno Rohde segue na mesma linha “muitas vezes terminava em brigas, levaram a sério a prática do futebol, jogavam com garra para defender sua comunidade”.

Celésio Moroginski relembra que “Era bem complicado, se o juiz marca-se falta e o time não concordava dava briga entre os times e até o juiz apanhava”. Itelvino Tomazelli parte para a rivalidade entre clubes: “Tinha muita rivalidade entre os times. Entre Juvenil, São João e o Cruzeiro, onde que a rivalidade era acirrada”. Em âmbito geral, eles relembram que essa rivalidade ultrapassava o espírito de socialização que era o objetivo central da realização dos jogos.

2.5 TRANSFORMAÇÕES QUE SE PROCESSAVAM NO CAMPO ANTES E DEPOIS DA MODERNIZAÇÃO

As comunidades tinham o costume de todos os domingos de manhã, receberem as famílias em suas igrejas para 1 (uma) hora de orações, pelo qual estavam sempre cheias. Logo após as orações, os familiares se deslocavam a pé para suas casas para preparar o almoço. Pela tarde voltavam para suas comunidades para usufruírem das formas de lazer disponíveis, a principal prática era o futebol amador rural na época, eram comuns também o baralho, a bocha e os matinês. Não se tem registros precisos da existência de mais equipes além daquelas que movimentavam as comunidades acima citadas. Pelo fato de não existir uma imprensa local e das comunidades serem membros de um município que também não possuía uma imprensa constituída (o jornal mais próximo era o de Erechim, o Voz da Serra). Seu Itelvio A. Tomazelli foi o único que conseguiu lembrar alguns dos times de futebol em sua época, incluindo times rurais, urbanos e até de outras cidades:

Éramos de Campinas do Sul; Palmeiras, da Linha São Pedro; Cruzeiro, de Jacutinga; União, de Jacutinga; Time Nava; Linha Quatro; São João de Valentim Berti; Brasil N.S.R.; Esportivo Rio Tigre; Arsenal, de Paulo Bento; Palmeiras e Internacional; de Cotegipe (Barão de Cotegipe), Flamengo de Souto Neto; Guarani, de Coxilha Seca; Colorado do Rio Liso. (TOMAZELLI, Etelvino A. Entrevista Escrita. Ponte Preta/RS,2016)

Estas práticas sociais no espaço rural, foram perdendo força com a modernização da agricultura, antes era necessário uma grande quantidade de pessoas para dar conta dos serviços, mas depois da década de 1970, com a chegada dos agrotóxicos, maquinários e afins, a mão de obra humana tornou-se desnecessária para o padrão produtivo adotado pela Revolução Verde, resultou uma prática que ficou conhecida como êxodo rural, onde muitas pessoas saíam das comunidades do interior, largando o trabalho agrícola para se deslocar em cidades maiores como Erechim, em busca de novas oportunidades de emprego na crescente área da indústria metal mecânica.

De acordo com os entrevistados, quando perguntados “O que mudou no campo (lavoura) no período de sua juventude até os tempos atuais?”, tivemos respostas parecidas: para Valério Tomazelli, o “Serviço era braçal sem máquinas, carroças, bois,

sem uso de veneno”. Para Itelvino Tomazelli, “trabalhava-se mais, não havia nenhum tipo de mecanização e ganhava-se menos”. Celésio Moroginski, diz que “Mudou basicamente tudo, a mão de obra que era braçal e por todos os membros da família, hoje é através de máquinas motorizadas e pouca mão de obra braçal”. Altair Scatolin, a diferença foi a chegada “(d)A mecanização para o auxílio nos trabalhos com a lavoura e a chegada dos agrotóxicos para o combate de pragas”. Arno Rohde, é o que descreve com mais detalhamento as modificações:

naquela época não se usava veneno, tudo com enxada, as únicas máquinas eram as trilhadeiras, a colheita era braçal com foicinha, e o plantio era na máquina manual, e com bois, a terra podia ser de relevo íngreme ou plano. Tomava água dos rios e riachos, pois era limpo, não existia veneno para poluir a água. Não existia luz, para comer carne de gado era só nas festas ou se reunia em muitas famílias para matar e comer no mesmo tempo. O banho era em rios e nem todos os dias. O meio de locomoção era a cavalo e bois. O meio de comunicação era cartas escritas manualmente. (ROHDE, Arno. Entrevista Escrita. Ponte Preta/RS,2016)

Segundo Alves (2005), “hoje a situação melhorou muito, comparado com aquela época, pois a maioria dos agricultores, hoje, possui equipamentos e implementos que os ajudam desde o plantio até a colheita e os mesmos utilizam o sistema de plantio direto”. (p. 15). Essa melhora é relativa, pois apenas quem tinha um maior poder aquisitivo podia ter acesso à essas novas tecnologias. Quem não tinha, se via obrigado a arrendar suas terras ou irem em busca de novos mercados de trabalho.

Em tempos atuais, a tecnologia está presente na lavoura, fazendo com que os agricultores mudem suas técnicas de plantio e de colheita, fazendo com que a produção de commodities se tornem o carro chefe. Eles são bem mais rentáveis, todavia, excluem pequenos produtores que não conseguem competir. Segundo os autores organizadores (SAQUET e SANTOS, 2010) "o processo de modernização da agricultura e da incorporação de novas terras à dinâmica capitalista provocaram a expulsão de milhares pequenos proprietários [...] de suas terras” (p.59).

Esta mudança se deu início com a chegada da soja como fator principal de produção nas estações do verão e da primavera, e após a utilização desta área de cultivo pode ser ocupada para o plantio de trigo, cevadas e pastagens no período de inverno. Para Copatti (2010), “a diversificação no processo produtivo das propriedades rurais confere novas forças de adaptação porque transforma a capacidade produtiva das propriedades rurais, aumentando a rentabilidade” (p.109).

O futebol amador rural nas comunidades ficou ainda mais reduzido, pela emancipação do município em 1992, pois o desmembramento de outros municípios com Ponte Preta, fez com que as divisões territoriais e geográficas do município ficassem reduzidas e atletas que passaram a pertencer a outros municípios vizinhos e acabaram abandonando a comunidade. Estas comunidades podem ser compreendidas segundo Carlos (2007) "uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno" (p.20).

Neste cenário ocorreu uma diminuição da função comunitária como um agregador, um espaço de territorialidades em comum, todavia o futebol ainda potencializa o lazer, a integração e a socialização, por isso da sua importância, mesmo com as dificuldades que estas transformações foram impondo ao longo dos anos.

2.6 O FUTEBOL VINCULADO AS FESTAS

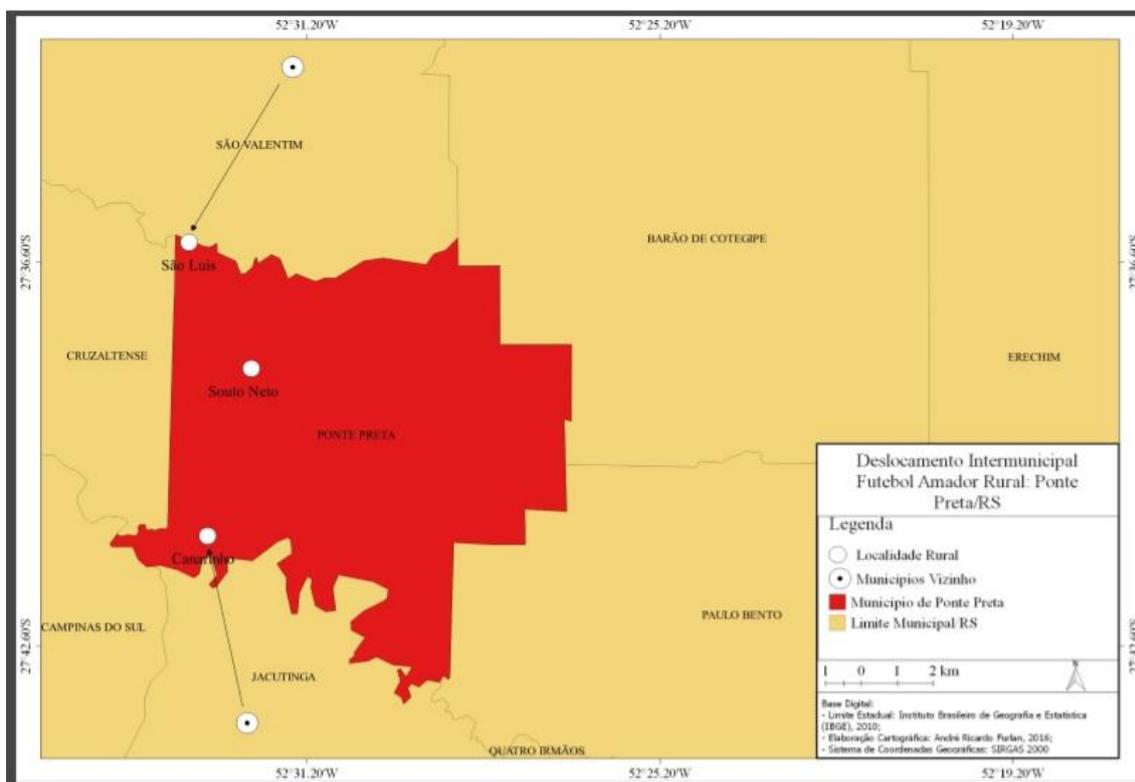
O futebol amador rural é também representado pelas festas promovidas pelas "comunidades" aos domingos, sendo elas marcadas ano após ano em seu calendário, pelo qual cada "comunidade" tem a "obrigação" de devolver sua presença naquela comunidade que participou em sua festa. Contudo, o futebol amador rural tem relação com as festas promovidas pelas "comunidades", pois além do rito religioso, temos os jogos, o almoço e por vezes matinês.

O fato mais importante das festas é o futebol amador rural, pois além da presença das comunidades do interior do município, ocorre o deslocamento das pessoas que são oriundas das comunidades, mas que residem em municípios vizinhos. Além dos jogos entre as equipes de futebol que contribuem para as territorialidades nas comunidades, as festas criam outras maneiras de expressar o futebol amador rural, pela disputa de pênalti. O torneio pode ser disputado individualmente ou em duplas, pelo qual o mesmo jogador pode chutar e defender o pênalti, com a dupla faz o revezamento de quem irá chutar e quem vai ser o goleiro. A premiação geralmente é por cervejas, suínos ou bovinos. Para poder participar do torneio de pênalti, é preciso que os jogadores comprem as fichas, sendo que quanto mais fichas os jogadores compram, mais aumentam as chances de ganhar o torneio. Se por acaso a dupla ou jogador individual perder a disputa, ele perde uma ficha, e se vencer continua com a mesma

ficha, aumentando suas chances de vencer. Os torneios de pênalti geralmente começam logo após o almoço e tem casos que passam a noite toda disputando os prêmios. Além de haver a socialização e a integração entre as pessoas nas festas, é também uma forma daquela comunidade arrecadar dinheiro para seus gastos, entre eles, a reforma e a manutenção da igreja e do pavilhão de festas daquela comunidade.

O que mantém uma comunidade ativa durante os finais de semana é a prática do futebol amador rural, pois ocorre a integração e a socialização entre aquelas do interior do município de Ponte Preta, e em alguns casos das de outros municípios, conforme a figura a seguir,

Figura 13 – Mapa 3 – Deslocamento Intermunicipal de Jogadores



Fonte: Elaboração André Ricardo Furlan.

A prática futebolística é a maneira encontrada para passar um fim de semana entre amigos, pois vários jogadores se deslocam da cidade para o interior para praticá-lo. Cada uma delas é representada por uma equipe composta por 2 (dois) times. Cada equipe é responsável pelo seu fardamento, que geralmente possuem as cores tradicionais de cada time, por exemplo, E.C. Canarinho, tem o seu fardamento nas cores verde e amarelo. Quem joga primeiro é uma mistura de idosos, crianças e adolescentes com

menos intimidade com o esporte, o chamado "segundinho", pois estão jogando apenas para socializar, para completar um time. O segundo jogo é composto por atletas com mais habilidade com a bola, o chamado "primeirinho", com uma formação basicamente por atletas que participam em campeonatos municipais. O jogo é muito disputado, cada time está ali para representar sua comunidade, ninguém quer perder. O juiz e os bandeirinhas geralmente são do local, estão ali para contribuir e fazer cumprir as regras do jogo, para que possam jogar um futebol sem pancadaria. Após a partida, os jogadores de cada comunidade ganham uma rodada de cervejas da comunidade, uma maneira de serem gratificados por jogar futebol na comunidade que se identifica.

Quando o jogo não ocorre no campo da comunidade, os atletas geralmente recebem o combustível para se deslocarem para outra comunidade, com seus carros ou motos, para a prática do futebol, ou é disponibilizado um caminhão para levá-los em outras comunidades.

3 RELAÇÃO DO FUTEBOL AMADOR RURAL COM O MUNICÍPIO DE PONTE PRETA-RS

O espaço ocupado pelo futebol pontepretense se caracteriza pelo predomínio simbólico de pertencimento entre os atletas e as comunidades que fazem parte, pois ele ultrapassa as quatro linhas de jogo, tornando-se um elemento importante no aspecto espacial e sociocultural, já que a partir do mesmo, observa-se nestas comunidades, que famílias se reúnem em torno do evento, e assim compartilham aspectos culturais criando círculos de convivência que são fundamentais para a convivência em comunidade.

Este fato é comprovável de acordo com as entrevistas colhidas, de pessoas que residiram na localidade desde antes do distrito se tornar município. O Sr. Itelvino A. Tomazelli relata a integração existente na época: “Era mais comum se encontrar com os vizinhos, mesmo quando moravam longe, especialmente em festividades comunitárias. O transporte era exclusivamente de bicicleta, cavalo ou até a pé.” Pode-se observar este relato em todos as sete pessoas que responderam à questão sobre integração entre comunidades. Outro relato que merece destaque é do Sr. Arno Rohde, que descreve como algo familiar, onde todos reuniam-se para jogar e torcer.

Através dos dados colhidos por entrevistas, foram encontradas três formas de manifestações do futebol amador rural pontepretense, são elas: 1) O futebol amador rural vinculado as festas de interior; 2) os jogos de fim de semana, o chamado "jogar bola" entre os jogadores; e 3) Os campeonatos municipais vinculados a Prefeitura Municipal em parceria com o Conselho Municipal de Desporto. Neste último item envolve setor público, entre eles, Prefeitura Municipal, Secretária de Educação, e o CMD, sendo este, com a finalidade de organizar o campeonato, que por sua vez era rural e amador da entrega de premiação por troféus e medalhas para as equipes vencedoras, e da arbitragem vinda de outras localidades para apitar os jogos, além das comunidades participantes do campeonato, de empresas patrocinadoras, pessoas vindas de cidades vizinhas, e por fim, emissoras de rádio que tem a função da narração dos jogos da decisão do campeonato, dando maior incentivo para estes times amadores participantes.

Na década de 90, toda a região que hoje é município contava com cerca de 12 comunidades, comunidades estas que se formam a partir de uma Igreja, de acordo com a fé predominante na região e sua etnia, além de possuir em seu entorno o salão de festas,

complementados pelos campos de futebol, pelo qual cada comunidade contava com cerca de 2 times, que no total somaria 24 times dentro de seu território, e que se somariam aos times da área tida como urbana.

Porém, em 1992 com a emancipação do município este número ficou reduzido para 11 comunidades, que compõe em conjunto com a área urbana, 22 times, pelo fato da necessidade do desmembramento de outros municípios vizinhos, uma comunidade passou a pertencer a outra. Em 2000, com a ampliação de novas categorias o número de times aumentou. A partir de 2005, a tendência foi a redução dos times por diversos fatores, entre eles, a exigência de título de eleitor, fechamento de times das comunidades do interior, êxodo rural, dentre outros aspectos menos importantes.

Entretanto, com a elaboração do campeonato municipal organizado pela prefeitura, movimenta assim as comunidades e a sociedade em geral, trazendo os jovens e as famílias para participarem dos jogos, pelo fato do enraizamento do local. Segundo Claval (2010) “as pessoas têm uma reação emotiva diante dos lugares em que vivem que percorrem regularmente ou que visitam eventualmente” (p. 39). Já para Haesbaert (2012). “É uma parcela de identidade, fonte de uma relação de essência afetiva ou mesmo amorosa ao espaço”. (p.72).

Para se ter uma noção da importância do futebol amador, o município tem uma política institucionalizada que o rege, em 22 de novembro de 1994, a Prefeitura Municipal de Ponte Preta-RS, juntamente com o Conselho Municipal de Desportos (CMD), cria a lei 91, regulamentado pelo Decreto 79 de 30 de novembro de 1994, com a função de criar a disputa do Campeonato Municipal de Futebol, com a participação de equipes inscritas regularmente e com condições de disputar o campeonato.

Algumas normas adotadas visam o bom andamento deles, como por exemplo, o fato de toda equipe participante ser obrigada a entregar um cheque de R\$ 500,00 (quinhentos reais) como caução, junto das fichas de inscrições. Caso ocorra agressões físicas para a arbitragem ou atletas adversários, o Conselho Municipal de Desportos (CMD) poderá usar o valor do cheque pelas agressões. Os mesmos atletas não poderão se inscrever e jogar por 2 (duas) equipes diferentes, podendo ocasionar a eliminação do atleta do campeonato. O mesmo ocorre com o massagista e o treinador de cada equipe. Os times são responsáveis pelas irregularidades das inscrições de seus atletas. Cada time tem no mínimo 17 (Dezessete) jogadores inscritos e no máximo 22 (vinte e dois) por equipe, sendo que os capitães dos times deverão usar uma abraçadeira para sua identificação no jogo.

Para uma melhor qualidade do campeonato municipal de futebol amador rural a Prefeitura Municipal e o Conselho Municipal de Desportos (CMD), libera para cada equipe a possibilidade de 3 (três) jogadores vindos de qualquer localidade, para uma melhor prática futebolística, entre as equipes. Muitas vezes estes atletas vindos de outras regiões recebem dinheiro e até combustível da comunidade para poderem vir jogar no campeonato municipal de futebol amador.

De todas as categorias de futebol que tem no município, a Primeira Divisão é a mais disputada entre as equipes. Para poder participar desta categoria o jogador precisa ter o título de eleitor no município, morar, trabalhar, possuir talão de produtor, ou possuir uma empresa registrada com alvará no município, podendo o atleta até mesmo estar residindo em outra localidade que não seja no município, mas que tenha algum destes vínculos. Outro fator importante para se poder jogar o campeonato municipal, é de que o atleta mesmo não possuindo todos os requisitos exigidos pelo Conselho Municipal de Desportos (CMD), poderá jogar se for sócio da comunidade, porém vai ter que provar junto a ata da sociedade em que faz parte.

É importante ressaltar que, dos 13 jogadores entrevistados, que ainda residem em Ponte Preta, somente o mais jovem, nascido em 1997 não pratica mais jogos amadores de finais de semana. O motivo não ficou explícito na entrevista, porém, os jogadores ainda praticantes destacam o momento como um momento de descontração, para rever as amizades e manter a tradição viva, ainda que exista dificuldade em conseguir novos jogadores para os times. Por ser uma atividade tradicional na cidade, o público conforme a figura a seguir,

Figura 14 – Presença do Público no Campeonato de 2015



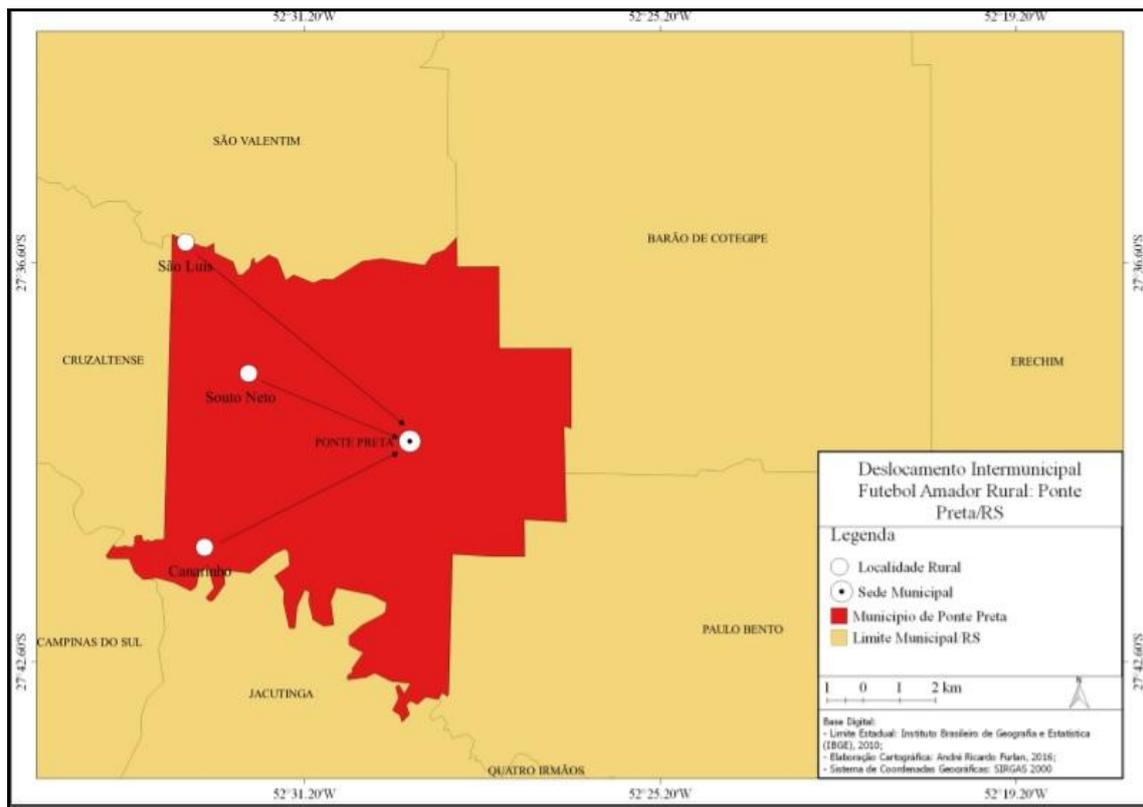
Fonte: Edegar Marcos Rohde (2015)

Ela está sempre presente nos jogos, em virtude de que os times de futebol amador rural são a referência na vida das pessoas das comunidades, a maioria dos torcedores dos times possuem uma ligação afetiva ou de identificação com tal comunidade ou com os jogadores, entre eles (amigos, vizinhos ou membros da família). Hollanda, reforça a importância do torcedor neste processo,

Metáfora ou metonímia do homem comum brasileiro, síntese mais expressiva de suas qualidades e defeitos, o torcedor inquieta e intriga. Inquieta e intriga porque, de tudo o que vem por aí – as estimativas sobre organização, cálculo, planejamento, edificação -, o comportamento do torcedor é aquele menos mensurável, menos quantificável, menos previsível. De todos os atores do futebol, é o personagem ainda menos compreendido. (HOLLANDA, 2012, p.12)

O campeonato Municipal atua, portanto, na junção das torcidas de todas as comunidades no fator futebolístico, com a finalidade de integrar o campo e a cidade, conforme vemos na figura a seguir,

Figura 15 - Mapa 2 Deslocamento Intermunicipal dos Atletas



Fonte: Elaboração André Ricardo Furlan.

Isso mantém uma disputa de territorialidade entre as torcidas, que se deslocam de suas comunidades através de caminhão levando (mulheres, crianças, idosos e jogadores) da comunidade, e os times de futebol amador. Enfim, é passado um momento de lazer entre as pessoas do campo e cidade e a socialização entre as mesmas.

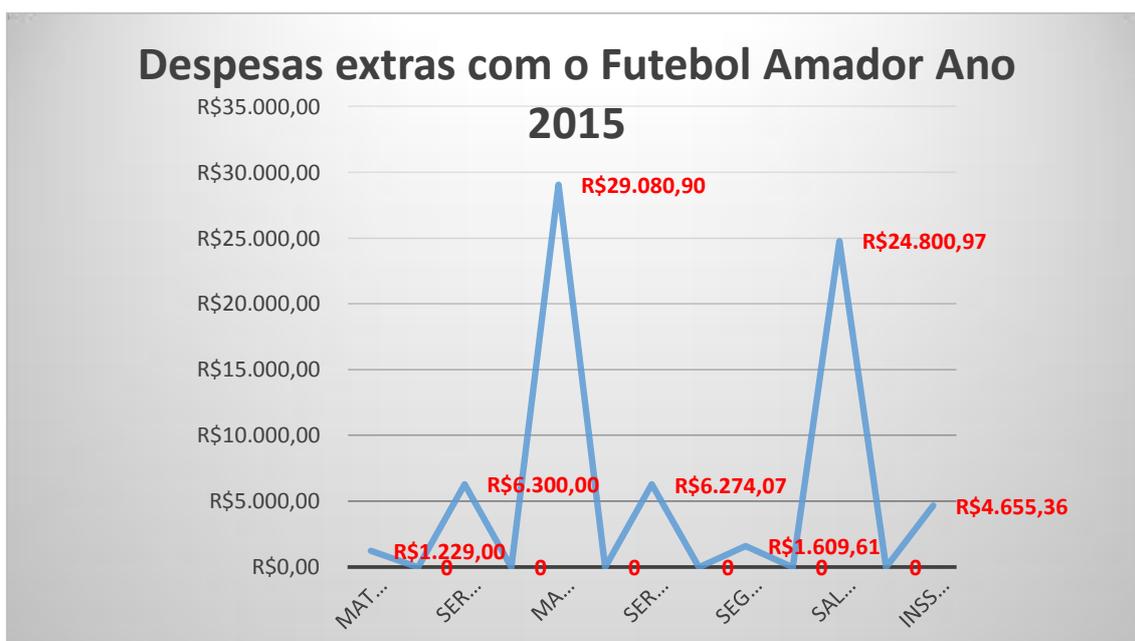
A realização dos campeonatos acaba onerando a municipalidade, e esse valor vai muito além da aquisição da premiação de troféus e medalhas, conforme a figura a seguir,

Figura 16: Premiação do Campeonato 2015



Fonte: Edemar Marcos Rohde (2015)

A Prefeitura Municipal de Ponte Preta-RS, possuiu outras despesas extra campo, conforme o gráfico a seguir,



Fonte: Setor de Contabilidade da Prefeitura de Ponte Preta

Existem ainda outras despesas como: o material de limpeza e higienização R\$ 1.229,00, serviços técnicos profissionais R\$ 6.300,00, manutenção e conservação de bens imóveis R\$ 29.080,90, serviço de energia elétrica R\$ 6.274,07, seguros em geral R\$ 1.609,61, gratificação por exercício de cargo (presidente do esporte) R\$ 24.800,97, INSS dos servidores R\$ 4.655,36, chegando aproximadamente num total de R\$ 73.949,91 de despesas no ano de 2015 com o futebol amador no município, dados estes, obtidos com o setor de contabilidade da Prefeitura Municipal.

Pode-se dizer que os entrevistados que não foram atingidos pelo êxodo rural permanecem ativos jogando o futebol amador na cidade. Alguns para manter a tradição, outros pela identificação com o local, como destaca o Sr. Altair Rauch: “Porque fui batizado, passei a comunhão e casei na igreja da comunidade”, e outros por prazer. O fato é que ainda mantém-se ativos os jogos na região de Ponte Preta, e isto demonstra um grande interesse pela prática.

Foram entrevistados três ex-moradores de Ponte Preta, ambos residentes atuais do município de Jacutinga -RS, todos migraram de cidade em busca de novas oportunidades de trabalho. Todos retornam as suas comunidades para jogar futebol, e destacam a identificação com o local, demonstrando assim, a paixão dos moradores pela prática deste esporte amador cultuado na cidade.

Um dado relevante nas entrevistas é que quando os atletas que não moram nas comunidades questionados de “porque vem jogar na comunidade”? “encontramos três respostas comuns, a de ser o local mais próximo para jogar, porque tem amigos na comunidade e porque simpatizam com a comunidade”. A única resposta que destacou, foi de um atleta que disse jogar lá porque o pessoal “paga bebidas depois dos jogos”. Essas três respostas encontradas reforçam a ideia de pertencimento, podendo ser encaixados no conceito de comunidades imaginadas desenvolvido por Benedict Anderson.

Já os atletas que moram nas comunidades, afirmam que a motivação para jogarem futebol ali, é pelo fato de sentirem-se parte de lá, por terem estreitado seus laços familiares, por terem uma ligação com a igreja local, e por terem amigos que continuam participando dos jogos.

3.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS DADOS

Com a realização das entrevistas aos atletas que ainda residem nas comunidades, deparamo-nos com alguns dados que consideramos relevantes: questionados sobre o “Porque ainda mora na comunidade?” foram recebidas duas respostas apenas: sete vezes pelo fator família (ser filho único, cuidar dos pais) e cinco vezes respostas relacionadas ao trabalho/economia (cuidar das vacas de leite, plantações ou por ter maquinário). Quando questionados “Qual o motivo de jogar futebol na comunidade?” encontramos três respostas: em nove oportunidades elas estavam relacionadas à afinidade/identificação com a comunidade (amizades, laços familiares como casamento, e o ‘gostar’ da comunidade), em duas oportunidades disseram que jogam porque senão faltariam atletas, e em uma, que este seria o único lazer de fim de semana disponível.

Isso nos leva a entender que estes atletas estão nas comunidades por terem terras e precisarem ficar lá para dar continuidade aos trabalhos, por terem uma estrutura já consolidada, sendo mais interessante ficar no campo do que partir para a cidade, pesando também o fato de terem familiares mais velhos que precisam de um cuidado especial, e o futebol seria a forma encontrada para socializar com amigos e vizinhos, bem como de manter a comunidade funcionando.

Quando questionados “Porque vem jogar na comunidade?”, os atletas dividem suas opiniões para quatro, jogam lá, por que é mais perto de suas residências, três por que se identificam com a comunidade (tem familiares ou ajudam nas festas da comunidade), três por afinidade e amizade, e um por custo benefício (ganha cerveja). Inquiridos de “qual sua relação com a comunidade”, foram unânimes, em dizer que tem afinidade com a comunidade, e que isso reforça os laços de amizade. Ou seja, os atletas que não são moradores das comunidades, a prática esportiva nas comunidades de Ponte Preta se dá, basicamente por laços de amizade e afinidade o que altera entre eles é a sua motivação particular.

Já os três atletas que se mudaram e voltam para jogar são unânimes em dizer que saíram da comunidade em busca de emprego, e que voltam a jogar porque querem preservar os laços afetivos com a localidade. Ou seja, seu sentimento de pertencimento continua muito forte com a comunidade da qual são oriundos.

Alguns fatores são interessantes de serem ressaltados, principalmente no que tange a questão do pertencimento à uma determinada territorialidade, os atletas continuam com um forte vínculo afetivo com as comunidades que nasceram e

criaram. Essa territorialidade ativa só ocorre porque ainda existem territórios que possibilitam que essa interação social possa ocorrer, onde podemos citar o campo de futebol, o clube e a igreja de cada comunidade, espaços estes, propícios para o exercício das sociabilidades.

O futebol acabou sendo um dos meios utilizados para o fortalecimento destas comunidades, tendo em vista que os jogos as movimentavam e garantiam público em caso de os jogos ocorrerem como parte da programação das festas e matinês. Levando-se em consideração que estamos falando de localidades do interior que demoraram mais para ter acesso a rádios e posteriormente televisões. Esse envolvimento trazia um pouco de lazer para as famílias que trabalhavam diuturnamente em uma agricultura desprovida de maquinários.

Todavia, com a modernização da agricultura, o que em tese seria bom para as comunidades, porque seus membros teriam uma maior oportunidade de vivenciarem suas sociabilidades, acabou se revelando como um modo de exclusão à inúmeras famílias, que não tinham condições de competirem com propriedades que tinham maquinários e adubos químicos, foram forçadas a migrarem para cidades maiores em busca de condições de subsistência.

De maneira que a prática esportiva foi diretamente impactada com a diminuição de atletas (conforme vimos nas entrevistas acima, dois atletas dizem que jogam para que a comunidade tenha um número suficiente de atletas para participar dos campeonatos), todavia ressalta o sentimento de pertencimento à uma territorialidade daqueles que retornam as comunidades para jogar e rever amigos. Em tese, sem o futebol esses retornos seriam bem mais escassos. O futebol é hoje uma das principais formas de desenvolvimento de sociabilidades, pois ele ajuda a manter “vivo” nos atletas o sentimento de pertencimento à aquela territorialidade, fazendo com que os usos e costumes desenvolvidos naquelas comunidades se perca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se justificou pela relação do futebol amador rural com a integração e a sociabilidade entre as pessoas no município de Ponte Preta-RS. Analisamos o futebol amador rural de maneira geográfica, a partir das territorialidades que foram sendo construídas no espaço de representar o futebol amador rural no município de Ponte Preta -RS. Este trabalho procurou demonstrar os principais meios da geografia, através de conceitos, ideias e abordagens, ou seja, elementos necessários para desenvolver uma base teórico-metodológica, em relação entre a Geografia e o futebol amador rural. Podemos entender, que o futebol amador rural, permitiu uma simbólica reterritorialização dos indivíduos que tiveram ligações efetiva com as determinadas comunidades.

O futebol, para muitos praticantes, expressa a reterritorialização simbólica de uma ligação que objetivamente se desfez com os processos migratórios, além do que, os laços de “enraizamento” persistem naquele determinado lugar.

Todavia, as hipóteses são confirmadas, pois, os times do interior são de maior número, pois as comunidades são maiores em números de pessoas, porém com o passar dos anos, o fator da redução dos times no espaço rural é ocasionado pela redução dos jovens se deslocarem para os centros urbanos em busca de empregos e novas oportunidades de vida, sendo que ocorre ocasiões que o mesmo jovem conseguem o emprego e voltam para buscar seus pais que estão residindo no interior para morar nas grandes cidades. Assim as comunidades do interior foram ficando cada vez mais reduzidas, prejudicando a continuidade do futebol amador rural nas comunidades, fazendo com que as mesmas não tivessem mais a prática do futebol.

Compreendemos que o futebol amador rural é um importante elemento sociocultural e na produção espacial, no pertencimento de lugar, além de mostrar que o futebol amador rural seja um fundamental componente da sociedade rural pontepretense, sendo que sua prática social se encontra ligada na vida cotidiana das pessoas.

Obtivemos a relação sobre o pertencimento de integração com os jogadores vindos de outras localidades, moradores que vivem por muitos anos nas comunidades que atuam com o futebol amador nos finais de semana, além da prefeitura municipal que organiza os campeonatos municipais de futebol amador e contribui para a premiação dos atletas e a arbitragem dos jogos.

A realização de tal trabalho foi importante, pois demonstrou quais as comunidades possuem o futebol amador rural, quais as transformações nas comunidades, a integração relacionada com o futebol e as mudanças do espaço rural, além das mudanças da prática social com o passar dos anos nas comunidades de análise.

O futebol amador rural é caracterizado por uma dimensão simbólica de ocupação e representação do espaço. Além de ser um fenômeno social, espacial e cultural, sendo uma fonte de identidades entre os indivíduos, no aspecto de pertencimento do local, de identidade coletiva entre as pessoas de determinada localidade.

Neste sentido as “comunidades” e o campeonato municipal são membros fundamentais para se encontrar amigos, sorrir, além de fazer com que a geografia em relação ao futebol seja uma maneira de compreender o espaço e a territorialidade, pois através do “jogar bola” é que pode se reconstruir e construir territórios pela dinâmica do futebol.

Por fim, o futebol amador rural é um fator positivo, aonde o jogo é territorial, pois estabelece vínculos com a sociedade, fazendo uma relação do cotidiano das pessoas. É o fator muito importante no aspecto social e cultural, além de fazer alterações na organização espaço território. Desta maneira o futebol se analisa como um fenômeno social, além da construção do jogo de bola, recriam territórios, modificam paisagens, e dinamizam o espaço geográfico, podendo se dizer que através do entorno da bola, se tem a sociabilidade, pois se faz amigos, conhece pessoas, além de ver o espaço de outra maneira ao sair de suas casas. O futebol faz uma dinâmica do espaço rural e o urbano em dias de campeonato, a cidade fica na espera do pessoal vindo do interior, o assunto passa a ser o futebol entre as pessoas, até depois do jogo realizado. Ele se territorializa de certo modo no campo e na cidade, sendo praticado por homens e mulheres de qualquer idade, raça, cor, etnia, classe de vida alta ou baixa. Porém, fica registrado aspectos negativos, em relação da utilização elevado de agrotóxicos, pois além de diminuir a mão-de-obra das pessoas do interior, fazendo com que abandonem a lavoura em direção as grandes cidades, o consumo elevado de agrotóxicos afeta a saúde das pessoas, ocasionando sérios danos para a saúde das pessoas, prejudicando a biodiversidade, e a contaminação de afluentes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fabiana. **Cruzaltense: Construindo sua História**, 2005. 43f. Monografia (História Licenciatura Universidade Regional Integrada – Campus Erechim), 2005.

ANDERSON Benedict. **Comunidades imaginadas–Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo**. Lisboa: Edições, v. 70, 2005.

ASSUMPÇÃO, Luís Otávio Teles et al. **Temas e questões fundamentais na Sociologia do esporte**. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 18, n. 2, p. 92-99, 2011.

BALBINOT, João. **Jogadores Não Moradores nas Comunidades**. [20, out. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

BALE, J. **Sports geography**. 2 ed. London: Routledge, 2003.

BALSANELLO, Madson, **Jogadores Não Moradores nas Comunidades**. [20, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

BALSANELLO, Gilberto. **Jogadores Moradores nas Comunidades**. [21, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

BARTNIK, Alcione. **Jogadores que se Mudaram das Comunidades**. [21, out. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

BIENIEK, Gladstone. **Jogadores Não Moradores nas Comunidades**. [22, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

BOLIS, Douglas. **Jogadores Moradores nas Comunidades**. [22, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

BORDIN, Renan. **Jogadores Não Moradores nas Comunidades**. [23, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

BRUM, Laércio. **Jogadores Moradores nas Comunidades**. [23, out. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

BRUM, Rodrigo. **Jogadores Moradores nas Comunidades**. [24, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

BAUMAN, Z. **Comunidade a busca de segurança no mundo atual**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BÜLLAU, Valdino. **Jogadores Moradores nas Comunidades**. [24, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

CAMPOS, Fernando, R.G. **Uma Geografia do Futebol Amador: Espaços de Representação do Futebol Amazonense e de "Peladão"**. Curitiba, 2009.

_____. **Geografia e futebol? Espaço de representação do futebol e rede sócio-espacial do futebol**. Terr@ Plural, v. 2, n. 2, p. 249-265, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, ano 2007, 85p. 1ª edição. Disponível em: http://www.controversia.com.br/antigo/uploaded/pdf/12759_o-lugar-no-do-mundo.pdf. Acesso em: 22 Dez.2015.

CELLI, Enio. **Jogadores que se Mudaram das Comunidades**. [30, out. 2015]. Entrevista concedida à Edeimar Marcos Rohde.

CHAGAS, Livia dos Santos. **Brasil, modelo 70: Futebol e política na Revista Veja em 1970**. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1/Brasil-%20modelo%2070.pdf>, acesso em 15, out.2016.

CLAVAL, P.O **Território na Transição da Pós-Modernidade**. Geographia, ano 1, nº(2), 7-26, 1999.

_____. **Terra dos Homens: A Geografia**. Trad. Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

COPATTI, Carina. **Espaço Rural: transformações, cultura e memória – Os fatos, as lembranças e os sentimento comunitário quanto à ocupação do espaço local**. Passo Fundo: Ed. IMED, 2010.

CRESPO, Matheus Pepe. **Um estudo sobre o conceito de território na análise geográfica**. Encontro de Geografia, 2010.

Dados Demográficos do Município de Ponte Preta: IBGE: Censo Demográfico 1991, Contagem Populacional 1996, Censo Demográfico 2000, Contagem Populacional 2007 e Censo Demográfico 2010

DAMO, Arlei Sander. **Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 23, n. 66, p. 139-150, 2008.

DEBRUN, Michel. **Futebol, Paixão e Participação**. In: A Conciliação e Outras Estratégias. São Paulo, Brasiliense, 1983.

DELLA LATTA, Venâncio Hugo. **Campinas do Sul e sua História**. Erechim: Grafoluz, 2004.

DEMATTEIS, G. **Sistema Local Territorial (SLoT): um instrumento para representar, ler e transformar o território**. In: ALVES, A.; CARRIJO, B.; CANDIOTTO, L. (Orgs.). **Desenvolvimento Territorial e Agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

DUCATTI NETO, Antonio. **O Grande Erechim e sua história**. Porto Alegre, Grafosul, 1981.

FEDERICI, Luiz. **Jogadores Não Moradores nas Comunidades**. [30, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

FRANCIESKI, Claucir. **Jogadores Não Moradores nas Comunidades**. [30, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

GABARDO, Teilor. **Jogadores Moradores nas Comunidades**. [02, out. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, ed. Atlas, 1987.

GIRELLI, Maicon. **Jogadores Não Moradores nas Comunidades**. [06, out. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

GROMAN, Vanderlei. **Jogadores Moradores nas Comunidades**. [03, out. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: o fim dos territórios á multiterritorialidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9 ed. Rio de Janeiro:DP&A, 2004.

HÖFIG, Pedro; BRAGUETO, Claudio Roberto. **Considerações sobre Geografia e Futebol: produção do espaço urbano e apropriação do território**. Terr@ Plural, v. 7, n. 1, p. 79-92, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **A torcida brasileira / Bernardo Buarque de Hollanda...** [et al.]. – Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

JÚNIOR, Jacir Bolis. **Jogadores Moradores nas Comunidades**. [04, out. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

KELLM, Elizelton. **Jogadores que se Mudaram das Comunidades**. [08, out. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

MARENCO, Douglas. **Jogadores Não Moradores nas Comunidades**. [03, out. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

MOROGINSKI, Celésio. **História de Ponte Preta**. [07, out. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

MOSCOVICI **Representações Sociais: investigações em Psicologia Social**. Traduzido por Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MUSKOP, Aldocir. **Jogadores Não Moradores nas Comunidades**. [08, out. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

MUNEROL, Gilberto. **Jogadores Não Moradores nas Comunidades**. [05, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

OLIVEIRA Jonalcir de. **Jogadores Não Moradores nas Comunidades**. [04, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

NOGARA, Douglas. **Jogadores Moradores nas Comunidades**. [10, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

PELLANDA, E. **Colonização germânica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1925.

PERUZZO, Cicilia MK et al. **Comunidades em tempo de redes**. Peruzzo, Cicilia MK; COGO, Denise; aplún, Gabriel (Orgs.) *Comunicación y movimientos populares: ¿cuales redes*, p. 275-298, 2011.

Prefeitura Municipal de Ponte Preta. Disponível em: <<http://www.pontepreta.rs.gov.br/site/municipio/page?pagenome=historia>> Acesso: 10 set. 2015

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAUSCH Altair. **Jogadores Moradores nas Comunidades**. [20, out. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

ROHDE, Arno. **História de Ponte Preta** [10, out. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

ROHDE, Dirceu. **Jogadores Moradores nas Comunidades**. [30, out. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

SANTOS, José Vicente T. dos. **Colonos do Vinho**: Estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: Hucitec, 1978.

SAQUET, Marcos Aurélio. **CAMPO-TERRITÓRIO: considerações teórico-metodológicas**. Revista de Geografia Agrária. v. 1, n. 1, p. 60-81. Uberlândia, fev. 2006.

_____. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades**: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. 1 ed. São Paulo: Outras Expressões, 2009.

_____; DOS SANTOS, Roselí Alves. **Geografia agrária, território e desenvolvimento**. Editora Expressão Popular, 2010.

SCATOLIN, Altair. **História de Ponte Preta**. [25, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

SCHMITZ, K. **O intercâmbio entre Durkheim e Tönnies sobre a natureza das relações sociais**. In: MIRANDA, O. Para ler Ferdinand Tönnies. São Paulo: Edusp, 1995.

SEGATTI, Alex. **Jogadores Moradores nas Comunidades**. [26, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

SILVERA Selomar da. **Jogadores Não Moradores nas Comunidades**. [21, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

SOUSA, Mauro Wilton de. **O pertencimento ao comum mediático: a identidade em tempos de transição**. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v. 37, n. 34, p. 31-52, 2010.

TEBALDI, Ivan. **Jogadores Moradores nas Comunidades**. [19, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

TOMAZELLI, Itelvino. **História de Ponte Preta**. [17, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

TOMAZELLI, Valentino. **História de Ponte Preta**. [18, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

VENÂNCIO, Marcelo. **Território de esperança: tramas territoriais da agricultura familiar na comunidade rural São Domingos em Catalão (GO)**. 2008.

ZAPANNI, Adelino. **História de Ponte Preta**. [18, set. 2015]. Entrevista concedida à Edemar Marcos Rohde.

**ANEXO A – ENTREVISTA PADRÃO PARA JOGADORES NÃO
MORADORES NA COMUNIDADE**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Entrevista com Jogadores não moradores na Comunidade

1.0 Informações Gerais

1.1 Nome:

1.2 Idade:

1.3 Origem étnica:

2.0 Relação com o futebol na comunidade

2.1 Porque vem jogar futebol na comunidade?

2.2 Qual sua relação com a Comunidade?

**ANEXO B – ENTREVISTA PADRÃO COM JOGADORES QUE SE MUDARAM
DAS COMUNIDADES**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Entrevista com Jogadores que se mudaram da Comunidade

3.0 Informações Gerais

- 3.1 Nome:
- 3.2 Idade:
- 3.3 Origem étnica:
- 3.4 Ano em que morou no município?
- 3.5 Qual sua comunidade de origem?

4.0 Relação com a Comunidade

- 2.1 Porque saiu da Comunidade?
- 2.2 Mudou-se para onde?
 - Outra localidade do interior
 - Cidade de Ponte Preta
 - Cidade de Jacutinga
 - Cidade de São Valentim
 - Outros municípios da região
 - NDA

3.0 Quantos anos viveu nesta localidade

- Até 1 ano
- 1 a 5 anos
- 5 a 10 anos
- 10 a 20 anos

4.0 Período em que se mudou da localidade que cresceu?

- Antes de 1970 entre 1971 e 1980 1981 a 1990
 1991 a 2000 Período atual

5.0 Relação com o futebol

4.1 Porque se desloca de outra localidade para jogar futebol na comunidade?

4.2 Você sempre jogou futebol na comunidade?

ANEXO C – ENTREVISTA PADRÃO PARA PRESIDENTE DE COMUNIDADE**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA****Entrevista com o Presidente da Comunidade****5.0 Informações Gerais**

- 5.1 Nome:
- 5.2 Idade:
- 5.3 Origem étnica:
- 5.4 Ano em que nasceu no município?

6.0 História da comunidade

- 6.1 Ano de fundação da Comunidade?
- 6.2 Primeiras famílias Fundadoras da Comunidade?
- 6.3 Qual origem étnica da comunidade?
- 6.4 Em que ano surgiu o futebol na comunidade?
- 6.5 Fotos da Comunidade
- 6.6 Fotos do time de Futebol
- 6.7 Festivais tradicionais

7.0 Relação do Futebol Amador na Comunidade

- 3.1 Qual a importância do futebol amador rural no pertencimento de lugar?
- 3.2 Qual o fator da redução de jogadores na comunidade?

ANEXO D – ENTREVISTA PADRÃO PARA IDOSOS DO MUNICÍPIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL CAMPUS DE ERECHIM CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Entrevista com Idosos do Município

8.0 Informações Gerais

- 8.1 Nome:
- 8.2 Idade:
- 8.3 Origem étnica:
- 8.4 Ano em que nasceu no município?
- 8.5 Qual Comunidade morou no município?

9.0 Transformações do espaço rural

- 9.1 O que mudou no campo (lavoura) no período de sua juventude até os tempos atuais?
- 9.2 Na sua juventude como era a relação, a integração entre as comunidades do interior?
- 9.3 Quais eram as práticas de lazer das pessoas naquela época?

10.0 Territorialidade histórica do futebol e das práticas de lazer

- 10.1 Existia a prática do futebol no interior do município no período de sua juventude? Como era essa prática?
- 10.2 Você jogava futebol? Em que time?
- 10.3 Quantos times existiam na época?
- 10.4 Como era a rivalidade entre os times?
- 10.5 Tinha torcida?

- 10.6 No período atual, depois da fundação de Ponte Preta (1992), como você vê as práticas de lazer no município?
- 10.7 Na sua visão o futebol praticado hoje nas comunidades do interior é diferente do futebol jogado em sua época?
- 10.8 O campeonato municipal, organizado pela prefeitura, é importante para a integração entre campo e cidade?

**ANEXO E – ENTREVISTA PARA MORADORES QUE MORAM NA
COMUNIDADE**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Entrevista com Jogadores moradores na Comunidade

11.0 Informações Gerais

- 11.1 Nome:
- 11.2 Idade:
- 11.3 Origem étnica:
- 11.4 Ano em que nasceu no município?
- 11.5 Qual sua comunidade de origem?

12.0 Relação com o futebol

- 12.1 Porque ainda mora na comunidade?
- 12.2 Você joga futebol na comunidade?
- 12.3 Qual o motivo de jogar futebol na comunidade?